

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

- Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

“- texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou ouvinte “visualize” ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa, um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza: na sequência de frases e orações em que se destacam o que se vê (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções). Vejamos, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a personagem de Maria:

“Sua pele clara e seus cabelos lisos testem un sorriso amigável e tristonho. Caracterizada com o adjetivo “clara”, sentiu os adjetivos “amigável” e

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Fascículo 14
Unidades 38, 39 e 40

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador

Wilson Witzel

Vice-Governador

Claudio Castro

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado

Leonardo Rodrigues

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado

Pedro Fernandes

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente

Gilson Rodrigues

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Julia Fernandes Lopes

Marco Antonio Casanova

Silvana dos Santos Ambrosoli

Atividade Extra

Janaina de Oliveira Augusto

Julia Fernandes Lopes

Maria da Aparecida Meireles de Pinilla

Roberta Campos de Carvalho Pace

Revisão de Língua Portuguesa

Julia Fernandes Lopes

Coordenação de Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Miranda

Design Instrucional

Flávia Busnardo

Lívia Tafuri Giusti

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Capa

André Guimarães de Souza

Projeto Gráfico

Andreia Villar

Imagen da Capa e da Abertura das Unidades

[http://www.sxc.hu/browse.](http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=view&id=992762)

phtml?f=view&id=992762 – Majoros Attila

Diagramação

Equipe Cederj

Ilustração

Bianca Giacomelli

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 38 A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas	5
<hr/>	
Unidade 39 A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea	47
<hr/>	
Unidade 40 Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa	95

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos “nome de usuário” e “senha”.

Feito isso, clique no botão “Acesso”. Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!

de características de
uma cena, uma situação;
ou ainda o texto descreve
análise, posicionamento social
e, ouve, sente, percebe, vê-se"
num livro didático, numa revista de
relatório etc.

' Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou
ouvinte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa,
um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza:
numa sequência de frases e orações em que se destacam o que se
descreve (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções
adjetivas). Veja, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a per-
sonagem de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos destacam um sorriso
tímido e tristonho.

(O adjetivo) é caracterizada com o adjetivo "clara";
(O adjetivo) apresentam os adjetivos "liso" e "

A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas

Fascículo 14

Unidade 38

A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas

Para início de conversa...

Você conhece a África?



Figura 1: A África no globo terrestre.
Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa_\(orthographic_projection\).svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Africa_(orthographic_projection).svg).

O continente africano é cercado pelo Mar Vermelho, pelo Mediterrâneo, pelos oceanos Atlântico e Índico. Geograficamente, suas principais marcas são os desertos do Saara e do Calahari, a floresta tropical e as **savanas**.

Savanas

são campos de vegetação esparsa e rasteira que separam as áreas desérticas de áreas de florestas.



Figura 2: Savana Africana com elefantes ao fundo

Fonte: <http://www.flickr.com/photos/vincenzovacca/4519818987/sizes/n/in/photostream/> • Cenzovacca

Os rios são os meios de comunicação mais importantes desse vasto continente. Entre eles, destacam-se o Rio Nilo. Também são referências geográficas importantes os grandes lagos da região centro-oriental.

Apesar das mudanças sofridas pelo continente nos últimos anos, em muitos lugares, as pessoas ainda vivem dependendo das condições naturais, plantando e pastoreando.

As informações mais antigas acerca dos povos africanos remetem ao Egito, onde, há cinco mil anos, no vale do rio Nilo, surgiu uma civilização que durou mais de dois mil anos e deixou, como herança de sua grandeza, túmulos reais e pinturas. Veja se você reconhece a imagem a seguir:



Figura 3: As Pirâmides do Egito - as três mais famosas estão no planalto de Gizé, na margem esquerda do rio Nilo, próximo à cidade do Cairo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:All_Gizah_Pyramids.jpg

A África reúne uma variedade vasta de povos. A partir de 1960, o continente africano assume a sua atual divisão política em 54 países. Os grupos linguísticos são quatro, detectados no continente africano. São eles: o afro-asiático, níger-congo, Nilo-saariano e cóisan.

Você já deve ter estudado em História que os navios das primeiras expedições portuguesas para a exploração da costa atlântica africana chegaram ao continente na metade do século XV, com o objetivo de chegar à fonte do ouro que era comercializado por alguns povos no norte da África.

Os portugueses buscavam, também, um caminho para as Índias onde poderiam comprar tecidos e especiarias com preços mais atraentes que os oferecidos por comerciantes italianos no Mediterrâneo.

Os portugueses foram os primeiros europeus no contato com povos da África. Além do ouro e do caminho para as Índias, eles queriam cumprir sua missão de propagadores do Cristianismo.

O que diziam os portugueses para justificar a escravidão de povos africanos?

Conquistando os mares e atingindo um grande poder imperial em torno de 1500, Portugal justificou seu direito de se apossar de terras e subordinar populações em nome de sua missão de propagar a mensagem de Cristo e a salvação eterna para todos.

Assim, os portugueses sequestravam pessoas que chegavam às praias, levando-as para os navios para serem vendidas como escravos. Justificavam seus atos pelo fato de esses povos serem infiéis, isto é, eram seguidores de Maomé, ou porque eram pagãos, ignorantes das leis de Deus. Convertendo-se ao cristianismo, essas pessoas escravizadas teriam a chance de salvar suas almas.

Dessa forma, os portugueses “prestavam” um grande serviço aos africanos, escravizando-os e levando-os para Portugal ou para lugares que estavam começando a colonizar, como o Brasil, por exemplo.

Essa “mercadoria”, as pessoas escravizadas, nada custavam. Pelo contrário, pagavam as expedições e ainda davam algum lucro, já que o comércio de escravos era uma fonte de riqueza e de economia no mundo todo.



Assim, os portugueses encontraram um meio de lucrar com os habitantes da África: escravizar as pessoas daquela terra, que serviriam como mão de obra para os povos colonizadores.

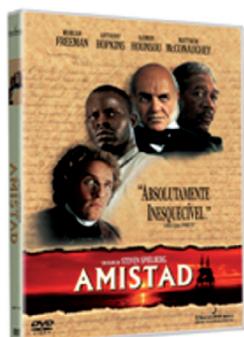
E, assim, os africanos foram trazidos ao Brasil.

Depois dos horrores da travessia do Atlântico, amontoados nos porões dos navios, com um mínimo de comida e bebida, convivendo com a morte de companheiros vítimas de doenças e maus-tratos, os africanos chegavam ao Brasil e eram levados a galpões e mercados nos quais eram postos à venda.

Independente de onde atuavam, exerciam as funções necessárias aos locais: na agricultura, na construção de casas, nos serviços domésticos, enfim, em toda e qualquer atividade que precisasse de mão de obra.



Multimídia



Fonte: Arquivo pessoal Lívia Tafuri Giusti

Amistad

A história remonta ao ano de 1839 e é baseada em fatos verídicos que ocorreram a bordo do navio La Amistad. O filme relata a luta de um grupo de escravos africanos em território americano, desde a sua revolta até seu julgamento.

Através desta trama de forte conteúdo emocional, é possível conhecer as condições de captura e transporte de escravos africanos para os trabalhos na América do Norte, a máquina jurídica americana de meados do século XIX e o germe das primeiras medidas para a abolição da escravatura naquele território.

Prepare a pipoca e não deixe de assistir a essa grande produção do diretor Steven Spielberg que está disponível em DVD ou que pode ser visto pelo computador através do link <http://www.youtube.com/watch?v=CgjQXy8aHcc&feature=related>

Africanos e afrodescendentes, ao se integrarem à sociedade brasileira que estava sendo formada, tinham de lidar com diversidades culturais entre eles e entre os grupos dominantes de brancos (senhores rurais ou urbanos, administradores e sacerdotes católicos). Dessa forma, os negros tiveram também uma enorme participação na formação da cultura brasileira.



Figura 4: Navio negreiro por Johann Moritz Rugendas, pintor alemão que viajou por todo o Brasil, durante o período de 1822 a 1825, pintando os povos e costumes que encontrou.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Navio_negreiro_-_Rugendas.jpg.

Quando a escravidão foi abolida, no final do século XIX, o que havia de africano no Brasil continuou a ser cultivado. São várias as manifestações culturais afro-brasileiras. Vamos citar duas que você conhece bem: a música e a religiosidade.



Você sabia?

Popularmente, o termo macumba é utilizado para designar genericamente e de maneira preconceituosa os cultos sincréticos afro-brasileiros, derivados de práticas religiosas e divindades dos povos africanos, trazidos ao Brasil como escravos, tais como os bantos, o Candomblé e a Umbanda.

Entretanto, ainda que macumba seja confundida com o Candomblé e a Umbanda o real significado de macumba é a de um antigo instrumento musical de percussão, uma espécie de reco-reco, de origem africana.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oxal%C3%A11.jpg>



Saiba Mais

Mas você deve estar se perguntando: e a África hoje?

Muitas regiões permanecem com as formas de vida e valores muito parecidos com os de seus antepassados; outras incorporam de forma proveitosa as contribuições vindas do estrangeiro e buscam o avanço já conhecido pelos países colonizadores.

O grande desafio, hoje, das sociedades africanas é manter o respeito à pluralidade e à diferença sem ignorar as novidades que podem trazer benefícios às pessoas.

Assim, abordar conteúdos que tratam da história da África e do Brasil africano é levar à reflexão sobre a discriminação racial, que atinge a população negra, afrobrasileira e afrodescendente; valorizar a diversidade étnica, estimular valores e comportamentos de respeito, solidariedade e tolerância.

Nesta unidade, além de conhecer um pouco da literatura africana, você vai estudar a presença e permanência da figura do negro também em nossa literatura, através de autores que sofreram na própria pele essa discriminação racial.

E, atenção: estamos estudando um tema que pode ser um passo para a reconstrução de uma parte do nosso passado que ainda precisa ser entendido e valorizado.

Quer dar esse primeiro passo? Aceita essa caminhada? Então, vamos lá!

Objetivos da aprendizagem

- Reconhecer as principais tendências e temáticas das produções africanas através de análise de textos.
- Relacionar argumentos sobre o conceito de negritude e africanidade através de textos literários.

Seção 1

A África fala português

O que países africanos como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe têm em comum com o Brasil?

Além dos nossos laços históricos, como vimos, temos a mesma língua oficial: o Português.

Esses países, até os anos 70, também foram colônias portuguesas, como nós até 1822. Entretanto, eles desenvolveram uma relação com a Língua Portuguesa bem diferente da nossa. Neles, nem todos os habitantes são falantes do Português. Nesses países, a Língua Portuguesa coexiste com outras línguas.

Claro que o papel da Língua Portuguesa nesses territórios é importantíssimo, porque reforça a unidade nacional nesses países (todos os habitantes têm uma mesma língua que promove a comunicação da nação) e possibilita que estreitem suas relações com outros países de mesma língua, a portuguesa. Essa é a língua presente nos documentos oficiais, ensinada nas escolas e usada por muitos escritores na literatura.

Nos dias de hoje, a literatura africana já ocupa lugar de destaque na literatura mundial. Vamos conhecer um pouco da cultura da África através de seus escritores?

Um pouco da literatura africana

Se você pensa que a África resume-se apenas a terras e povos reduzidos à violência e à miséria como é veiculado nos noticiários, surpreenda-se. Há outros fatos a serem destacados e é a literatura que nos fornece a chave para desvendar os muitos mundos que o continente africano guarda, possibilitando que muitos mistérios sejam desvendados através das palavras.

Veja: *a literatura em língua portuguesa*, produzida na África pode ser dividida em três períodos:

- *No início*, só as pessoas de ascendência europeia escreviam (os poucos que tinham acesso à educação). Produziam relatos de viagens, estudos etnográficos e obras ficcionais que exaltavam, segundo a visão do colonizador, a exuberância, a sensualidade e a cor da vida tropical. Raramente apareciam referências à situação de opressão e exploração geradas pelas políticas neocoloniais;
- *Num segundo momento, meados do século XX*, há um despertar para uma consciência literária africana. Na maioria, são poetas de ascendência africana, negros e mestiços, e brancos que nasceram ou viveram na África desde a infância. Muitos deles estiveram envolvidos com a luta anticolonial, marcando suas obras

com o combate político, a opressão colonial, o apelo à revolta e à luta pela independência, almejando novos tempos para o continente.

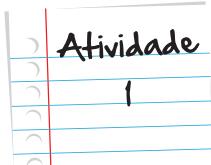
- *O terceiro momento* reúne a produção literária posterior à independência. A poesia-combate desapareceu; os autores que estiveram censurados durante o período de guerra tiveram suas obras publicadas; cresceu o número de obras em prosa e multiplicaram-se os projetos estéticos, expressos principalmente na representação de novas temáticas.

Bem, e se você pensa que a África está presa ao passado e de costas para o futuro, você está enganado.

As lições do passado, aquelas ligadas ao campo, convivem com as marcas da vida urbana, abrindo-se para uma pluralidade de situações que exprimem a força da vida moderna.

Você vai entrar em contato com uma língua portuguesa, que você conhece bem, mas que apresenta diferentes formas de se realizar nesses países. E vai encontrar uma mistura com os idiomas locais, palavras novas, expressões que vão causar um certo estranhamento, um modo diferente de falar da vida que se transforma e pede novas linguagens.

Abra-se para esse encontro, livre-se dos preconceitos. A literatura será um bom caminho. Continua com disposição para a caminhada? Vamos conhecer esse Português que vem da África?



A seguir, você fará a leitura de dois textos de escritores do continente africano: um de Moçambique e outro de Cabo Verde. Perceba a diferença entre o uso da Língua Portuguesa nesses países em relação ao Português do Brasil.

A. Moçambique é um país localizado na costa oriental da África Austral. Esta antiga colônia e província ultramarina de Portugal obteve a sua independência em 25 de Junho de 1975.

Sua língua oficial é o Português que convive com outras línguas nacionais em seu território. Entre elas memane e zulu.

Os conflitos que permearam a história de Moçambique deixaram cicatrizes como minas terrestres e racismo, mas fortaleceram suas tradições culturais.

O conto *As mãos dos negros*, de Luís Bernardo Honwana, a partir da curiosidade infantil, tenta descobrir por que as palmas das mãos dos negros são brancas. Leia algumas das explicações que o narrador do conto ouviu:

As mãos dos negros

“ “

Já nem sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. Lembrei-me disso quando o Senhor Padre, depois de dizer na catequese que nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós, voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras, dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar.

A Dona Dores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa.

A minha mãe é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo. (...) "Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho. Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já não os pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado avê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes por que é que foi?! Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra dos homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos.

Depois de dizer isso tudo, a minha mãe beijou-me as mãos. Quando fui para o quintal, para jogar à bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido.”

Bragança, Albertino. Contos africanos.

” ”

Agora, responda:

1. Para você, qual o objetivo do autor ao apresentar tantas versões sobre a palma branca das mãos dos negros?

Atividade

1



Luis Bernardo Honwana (1942)

Aos 22 anos, publicou o livro de contos *Nós matámos o Cão Tinhoso*, livro que o consagrou como um dos mais importantes escritores de Moçambique. Nos anos 60, foi preso devido ao seu engajamento na luta pela independência de seu país. Em 1990, como ministro da Cultura, foi um dos signatários do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

- b. Cabo Verde é um arquipélago de origem vulcânica, constituído de dez ilhas, que lembra muito o nordeste brasileiro: tem clima árido, a força das pessoas e a presença da música em suas pequenas ilhas. Foi descoberto em 1460 por Diogo Gomes a serviço da Coroa portuguesa e foi colônia de Portugal até a sua independência, em 1975.

Maltratadas pelas constantes secas e pela precariedade econômica, as ilhas de Cabo Verde sofrem grande baixa populacional devido ao alto índice de emigração. O medo e a fome são aspectos que fazem parte da sociedade cabo-verdiana.

Teixeira de Sousa, considerado um dos mais importantes escritores do arquipélago, no conto *Dragão e eu*, revela as mudanças e o amadurecimento pelos quais passou em certo período de sua vida. Dragão, seu cachorro de estimação, é seu parceiro nesse passeio pelo cotidiano desse país. Vamos passear com eles?

Dragão e eu

“

Eu e o Dragão fomos companheiros inseparáveis nas jornadas para o interior. A princípio caminhou tudo muito bem, mas depois comecei a notar o ambiente hostil que me rodeava. Duma ocasião, apedrejaram-me na estrada e por acaso Dragão correu atrás do homem que se agachou por trás de um tamandeiro. Em parte dava razão àquela gente. Esperavam ansiosos pela chuva, que não vinha.

Mesmo que chovesse, era já tarde. Compreendia que a situação se tornava cada dia mais difícil e eu tinha que trabalhar de qualquer forma. Dragão de vez em quando espetava as orelhas e punha-se a farejar por todos os lados. Eu sacava da pistola e parava a cavalgadura. Depois continuava estrada a fora, sempre atento às pessoas que passavam.

A vila enchia-se de gente que abandonava os campos sem água. Vinham esfarrapados, magros, com chagas enormes fedendo a podridão. As mães traziam os filhos pequenos à cabeça, em grandes balaios. Paravam à porta dos sobrados e mostravam os cestos de carriço onde se viam olhos gulosos emergindo de carinhas murchas de fraqueza. Deambulavam pelas ruas num cortejo de tristeza e desespero.

Pinoti-Capador morreu inchado, a brincar com uma pedra. Perdiam o juízo e ficavam que nem umas crianças. Os meninos ganhavam rugas e pareciam uns anões velhos. De noite recolhiam-se no casarão da Escola e no outro dia, ia-se ver, eram vivos e mortos estendidos a esmo pelo chão.

Recomeçava a peregrinação pelas portas das casas e repetiam-se as cenas que então se viam. Meninos chupavam tetas vazias, mães que recusavam o comer aos filhos, velhos que morriam nos largos públicos, na presença de toda a gente.

Quando lhes dava para emagrecer, iam a ponto de pouco faltar para uns esqueletos perfeitos. Mas depois inchavam e ficavam luzidios como a pele de um tambor. A seguir estiravam-se de comprido, os olhos escancarados para o céu aberto, sem nuvens, donde não caía a chuva.

Foi um tempo terrível aquele, para as gentes da ilha."

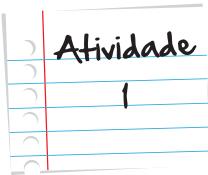
BRAGANÇA, Albertino. *Contos africanos*.

Atividade

1

2. Qual a relação que podemos estabelecer entre esse fragmento que retrata um dos aspectos do cotidiano de Cabo Verde com o cotidiano de muitos brasileiros?
3. Encontramos no texto três palavras que lemos usualmente em textos da nossa literatura. Pesquise o significado de cada uma delas no fragmento lido:

- Tamarindeiro:
- Carriço (cestos de):
- Deambulavam:



Henrique Teixeira de Souza (1919-2006)

Médico e escritor de contos e romances como *Contra mar e vento* (contos) e *Capitão de mar e terra* (romance). É considerado um dos ícones da literatura cabo-verdiana, ao lado de nomes como Manuel Lopes, Eugénio Tavares e Jorge Barbosa.

Above suas
respostas em
seu caderno

Seção 2

Herança africana no Brasil

Você já pensou no que existe de africano no Brasil? Somos, inicialmente, uma mistura de índios, africanos e portugueses. No século XIX, vieram os outros imigrantes... Temos de conhecer melhor o que nossos antepassados nos deixaram como herança. Os africanos deram uma contribuição muito importante para que o Brasil seja como nós o conhecemos hoje.

Assim, é importante descobrir o manto de invisibilidade que encobre o afrodescendente no Brasil e perceber sua valiosa contribuição para a cultura brasileira.

Os afrodescendentes estiveram quase ausentes da Literatura Brasileira até o século XIX. Apesar de ser peça importante para o desenvolvimento da nossa economia, de ter contribuído para a formação do nosso povo, de estarem inseridos na vida familiar de nossa sociedade, eles nunca foram assunto dos nossos poetas, romancistas e dramaturgos.

Durante séculos, esses brasileiros de origem negra não foram lembrados na nossa literatura. Enfocaremos, aqui, alguns poemas e algumas músicas que apresentaram o negro como tema central e que foram produzidos por escritores afro-descendentes. Vamos conhecê-los?

Uma luta pela liberdade: a voz da África no Brasil do século XIX

No século XIX, o Brasil começa a busca por sua brasiliidade, a construção de sua identidade, pois a Colônia virara Império, mas continuava vivendo do trabalho escravo.

O Romantismo também sai em busca daqueles que seriam os primeiros brasileiros. Os índios e os negros são referências fortes. Negros e mestiços também se valeram da literatura, a fim de expressarem suas angústias, sentimentos, sonhos e lutas ao longo de nossa história. Juntaram-se ao clamor social em busca de mudanças e de uma identidade nacional e, principalmente, racial.

Bem, propomos a você analisar alguns textos brasileiros que mostram esse luta por uma identidade nacional e que apresentam o negro como figura importante na construção de nossa brasiliidade.

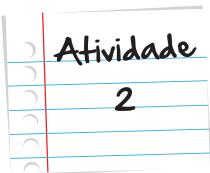
1. Gonçalves Dias, poeta romântico, era mestiço - filho de europeu com uma indígena. Sua poesia revela a busca por uma identidade nacional.

Leia os versos do poema A escrava, de Gonçalves Dias, e identifique a temática relacionada a eles.

*Oh! Doce país de Congo
Oh! doce país de Congo
Doces terras d'álém-mar!
Oh! dias de sol formoso!
Oh! noites d'älmo luar!
(...)
Mas era em mora por cismar na terra,
Onde nascera,
Onde vivera tão ditosa, e onde
Morrer devera!
Sofreu tormentos, porque tinha um peito,
Qu'inda sentia;
Mísera escrava! no sofrer cruento.
Congo! dizia.
Santos, Luiz Carlos dos. *O negro em versos*.*

Atividade

2



Temática Central: _____

2. Também Machado de Assis sofreu discriminação por ser mestiço, afrodescendente.

Sabina, de Machado de Assis, é um longo poema que relata a sedução de uma jovem mucama, não embranquecida, mas tratada de forma paternalista.

Leia o fragmento a seguir:

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha; e na província toda
Não havia mestiça mais à moda
Com suas roupas de cambraia e renda.
Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para o trabalho rude;
Desabrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala.
Era cria da casa. A sinhá moça,
Que com ela brincou sendo menina,
Sobre todas amava esta Sabina,
Com esse ingênuo e puro amor da roça.
Dizem que à noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia
Um hóspede que ali passado havia
Pôs um cordão no colo da mucama.
Mas que vale uma joia no pescoço?
Não pôde haver o coração da bela.
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,
É pessoa maior: é o senhor moço.
(SANTOS, Luiz Carlos dos. O negro em versos.)

Agora, destaque do fragmento versos que denotem esse paternalismo.

3. Castro Alves, no Romantismo, foi considerado o Poeta dos Escravos.

Leia o fragmento do poema Bandido negro, de Castro Alves para completar a afirmativa seguinte:

*Corre, corre, sangue do cativo
Cai, cai, orvalho de sangue
Germina, cresce, colheita vingadora
A ti, segador a ti. Está madura.
Aguça tua foice, aguça, aguça tua fouce.*

E. SUE – “Canto dos filhos de Agar”

Trema a terra de susto aterrada...

Minha égua veloz, desgrenhada,
Negra, escura, nas lapas voou.

Trema o céu ...ó ruína! ó desgraça!

Porque o negro bandido é quem passa,
Porque o negro bandido bradou:

Atividade

2

*Cai, orvalho de sangue do escravo,
Cai, orvalho, na face do algoz.
Cresce, cresce, seara vermelha,
Cresce, cresce, vingança feroz.*

(SANTOS, Luiz Carlos dos. *O negro em versos.*)

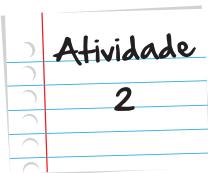
Complete a afirmação:

Considerando a temática do bandido, do negro e da vingança, o poema Bandido negro, de Casto Alves, na verdade, clama por _____

4. Cruz e Sousa cumpre um papel fundamental para a literatura brasileira. Ele descende diretamente de cidadãos escravizados, ou seja, é negro sem mescla do sangue europeu e é considerado o maior expoente do Simbolismo brasileiro.

Sofreu na pele a violência racista e legou para a história literária brasileira o mais profundo mergulho na vivência interior do negro no Brasil.

Cruz e Sousa tem uma produção abolicionista concentrada no período em que militou no movimento para a libertação dos escravos. São poemas e textos em prosa de grande profundidade pelo seu conteúdo crítico e conceitual. Entre eles, Crianças negras:



Crianças Negras

Em cada verso um coração pulsando,
Sóis flamejando em cada verso, e a rima
Cheia de pássaros azuis cantando,
Desenrolada como um céu por cima.

(...)

Preso à cadeia das estrofes quentes
Como uma forja em labareda acesa,
Para cantar as épicas, frementes
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!
Não das crianças de cor de oiro e rosa,
Mas dessas que o vergel das esperanças
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,
Dum leite de venenos e de treva,
Dentre os dantescos círculos do açoite,
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora
O carrilhão da morte que regela,
A ironia das aves rindo a aurora
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergônteas dos escravos
Desamparadas, sobre o caos, à toa
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,
A harpa das emoções palpita e soa.

(...)

As pequeninas, tristes criaturas
Ei-las, caminham por desertos vagos,
Sob o aguilhão de todas as torturas,
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! na imensa cordilheira
Da Dor, florindo como um loiro fruto
Partindo toda a horrível gargalheira
Da chorosa falange cor do luto.

*As crianças negras, vermes da matéria,
Colhidas do suplício a estranha rede,
Arranca-as do presídio da miséria
E com teu sangue mata-lhes a sede!*

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000098.pdf>

Entretanto, o poeta foi acusado de ser alheio aos dramas de sua raça, de sua cor e de ser bajulador da sociedade escravocrata.

Em sua opinião, esse poema comprova essa acusação. Por quê?

Acesse o site <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000098.pdf> para você ler o poema Crianças Negras na íntegra. Neste site, você também encontrará vários outros textos.



Aproveite
Anote suas
respostas em
seu caderno

Atividade

2

O século XX canta a liberdade dos escravos!

O século XX encontra o negro brasileiro finalmente livre, mas sem condições mínimas para manter essa liberdade.

Para esse negro, faltava lugar para trabalhar e para morar. Jogados à sua própria sorte, os afrodescendentes, sem opção, povoaram as periferias das novas cidades que surgiam pelo país, habitando morros e favelas, sobrevivendo de biscates ou, com alguma sorte, do funcionalismo público. Para as mulheres, restavam apenas os trabalhos domésticos nas casas de família.

Este era um quadro propício para que os negros africanos e seus descendentes alcançassem a condição de vadios, preguiçosos, marginais, ou seja, sem condições de se adaptar a uma sociedade livre. Dessa forma, a nossa sociedade coloca no próprio negro a responsabilidade por viver do jeito que vivia.



Saiba Mais

O sistema de cotas

As cotas raciais são a reserva de vagas em instituições públicas ou privadas para grupos específicos classificados por etnia, na maioria das vezes, negros e indígenas. Surgidas nos Estados Unidos na década de 1960, as cotas raciais são consideradas, pelo conceito original, uma forma de ação afirmativa, algo para reverter o racismo histórico contra determinadas classes étnicas. Apesar de muitos considerarem as cotas como um sistema de inclusão social, existem controvérsias quanto às suas consequências e constitucionalidade em muitos países. A validade de tais reservas para estudantes negros no Brasil foi votada pelo Supremo Tribunal Federal em 2012 e O STF decidiu por unanimidade que as cotas são constitucionais.

Desconsiderando algumas opiniões de que o sistema de cotas apenas ratifica a discriminação aos olhos daqueles que a veem como "esmola" ou que dizem que, por serem inferiores, os negros precisam de "ajuda" para entrar nas instituições públicas, esse sistema tem por premissa, saldar a dívida histórica que o Brasil tem com os negros.

Infelizmente, todos os séculos em que os negros foram escravizados e vistos como inferiores fez com que essa raça, tão importante para formação da nossa identidade, não tivesse tido os mesmos direitos e oportunidades que os brancos.

Por isso, até hoje ainda vemos que a maioria dos habitantes do Brasil que pertencem às classes sociais mais desfavorecidas é composta por negros, ao passo que a elite brasileira é composta por uma maioria branca.

Em uma sociedade fundada sobre bases oligárquicas e escravocratas como a nossa, isso gerou uma dívida muito grande e que mesmo tantos séculos depois, ainda não conseguimos saldar: Igualdade total de direitos a todos os cidadãos... Mas estamos caminhando para isso!

Afinal, o que significa ser negro no Brasil?

Cidadão de cor, marrom bombom, escurinho, moreninho, jambo, mulato, pretinho, neguinho, da cor, muita tinta, pouca tinta, preto, marrom, moreno escuro, crioulo, negão... negro.

No entanto, ser negro torna-se identidade cantada na voz de alguns compositores brasileiros negros, cuja presença na música brasileira tem um valor incontestável!

Estão aí: Jackson do Pandeiro, Tim Maia, Jorge Benjor, Chico César, Pixinguinha, Cartola, Donga, Assis Valente, Lupiscínio Rodrigues, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan, Ivone Lara, Martinho da Vila e muitos outros.

Vamos conhecer algumas dessas produções?

1. Em 1938, Pixinguinha e Gastão Viana compuseram o lundu Yaô. Você já ouviu falar em LUNDU? E sabia que o Lundu foi proibido durante muito tempo aqui no Brasil?

Leia a letra da música abaixo e pesquise sobre o lundu. Ah! E descubra o porquê da proibição!

Yaô

(Pixinguinha)

Aqui có no terreiro

Pelú adié

Faz inveja pra gente

Que não tem mulher (Bis)

No jacutá de preto velho

Há uma festa de yaô (Bis)

Ôi tem nêga de O gum

De Oxalá, de lemanjá

Mucama de Oxossi é caçador

Ora viva Nanã

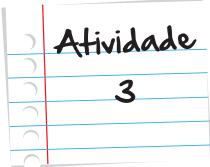
Nanã buruku (Bis)

Yô yôo

Yô yôoo

Atividade

3



No terreiro de preto velho iaíá
Vamos saravá (a quem meu pai?)
Xangô!
(SANTOS, Luiz Carlos dos. *O negro em versos.*)

Saiba Mais



Pixinguinha (1897 1973)

Flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro.

É considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira, contribuiu diretamente para que o choro encontrasse uma forma musical definitiva. Autor de clássicos como Carinhoso, Lamentos e Rosa. No dia 23 de abril, comemora-se o Dia Nacional do Choro, trata-se de uma homenagem ao nascimento de Pixinguinha. A data foi criada oficialmente em 4 de setembro de 2000, quando foi sancionada lei originada por iniciativa do bandolinista Hamilton de Holanda e seus alunos da Escola de Choro Raphael Rabello.

Saiba Mais

O Lundu

O lundu ou lundum é um gênero musical contemporâneo e uma dança brasileira de natureza híbrida, criada a partir dos batuques dos escravos bantos trazidos ao Brasil de Angola e de ritmos portugueses.

Da Europa, o lundu, que é considerado por muitos o primeiro ritmo afro-brasileiro, aproveitou características de danças ibéricas, como o estalar dos dedos, e a melodia e a harmonia, além do acompanhamento instrumental do bandolim.

Da África, o lundu herdou a base rítmica, uma certa malemolência e seu aspecto lascivo, evidenciado pela umbigada, os rebolados e outros gestos que imitam o ato sexual e, por este motivo, o Lundu foi proibido durante muito tempo. Porém, praticado às escondidas o Lundu sobreviveu e no Brasil se destacou em Minas Gerais, São Paulo e no Pará, na Ilha de Marajó, onde se tornou um forte traço cultural com o Lundu Marajoara.

2. Martinho da Vila é uma das mais importantes lideranças dos movimentos negros do Brasil. A participação dele nesta área é muito grande, tornando-se uma força unificadora não só para a raça negra, como para todas as raças. É uma grande liderança.

Martinho tem uma relação muito especial com a África, em especial com Angola. O cantor fez sua primeira viagem ao continente africano no início de sua carreira, ainda nos anos 70.

Durante muitos anos, foi a ligação entre o Brasil e Angola – sendo considerado Embaixador Cultural – em uma época que o país africano não era representado por uma embaixada em nosso país.

Entusiasmado com esse contato com o país africano, Martinho criou um grupo de trabalho, que realizou o primeiro encontro de artes negras - O **Kizomba**. Nestes encontros foram trazidos ao Brasil artistas e personalidades não só de Angola, ou da África, mas de outros países, como EUA, além de contar com a participação de vários artistas nacionais.

Kizomba

É uma palavra africana que significa encontro de identidades, festa de confraternização e este foi nome escolhido para esse grupo de pessoas interessadas e preocupadas com o Brasil, com a cultura e com a problemática dos negros.

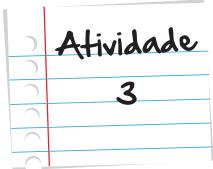
É também o nome escolhido para batizar os Encontros Internacionais de Arte Negra. O grupo Kizomba conta com várias cabeças pensantes, como a Benedita da Silva, Antônio Pitanga, Milton Gonçalves, Jorge Coutinho e muitos outros colaboradores. Suas atividades envolvem a promoção de eventos de arte e cultura negra, além de prestar assessoria a artistas e personalidades africanas que vêm ao Brasil.

Martinho da Vila criou vários enredos para os desfiles da sua escola de samba de coração – a Unidos de Vila Isabel -, dentre os quais Kizomba, a Festa da Raça, que está entre os mais memoráveis da história dos carnavales e garantiu para a Vila, em 1988, seu consagrado título de Campeã do Centenário da Abolição da Escravatura, proposta sugerida para o enredo das escolas naquele ano.

Leia a letra do samba que foi composto pelo próprio Martinho, Rodolpho, Jonas e Luiz Carlos da Vila.

Atividade

3



Valeu Zumbi!

O grito forte dos Palmares

Que correu terras, céus e mares

Influenciando a abolição

Zumbi valeu!

Hoje a Vila é Kizomba

(...)

Esta Kizomba é nossa Constituição (bis)

Que magia

Reza,ajeum e orixás

Tem a força da cultura

(...)

Vem a Lua de Luanda

Para iluminar a rua (bis)

(...)

Valeu!

(*Martinho da Vila.* <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/unidos-de-vila-isabel/235448>. fragmentado. acesso em 12/09/2012)

Agora, responda:

O samba limitou-se à temática brasileira? Justifique sua resposta.

3. A obra musical de Gilberto Gil abrange uma ampla dimensão e variedade de ritmos e questões em suas composições, pertinentes à realidade e à modernidade; da desigualdade social às questões raciais, da cultura Africana à Oriental, da ciência à religião, entre muitos outros temas. No samba "De Bob Dylan a Bob Marley" (um samba provação), Gil aborda duas questões que envolvem a presença do negro no Brasil. Leia o texto a seguir:

(...)

Quando os povos d'África chegaram aqui

Não tinham liberdade de religião

(...)

Quando, hoje, alguns preferem condenar

O sincretismo e a miscigenação

Parece que o fazem por ignorar

Os modos caprichosos da paixão

(...)

"Bob Marley morreu

Porque além de negro era judeu

Michael Jackson ainda resiste

Porque além de branco ficou triste"

(SANTOS, Luiz Carlos dos. *O negro em versos.*)

Atividade

3

E então: quais são as duas questões que envolvem a presença do negro no Brasil?



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Gilberto_Gil_with_guitar.jpg

Leia o texto "De Bob Dylan a Bob Marley" na íntegra acessando o site

<http://www.letras.com.br/#!gilberto-gil/de-bob-dylan-a-bob-marley-um-samba-provocacao>.

Aproveite! Assista ao vídeo e conheça um pouco mais sobre Gilberto Gil.

Vale a pena conferir!





Atividade

3



Saiba Mais



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/musicienne/4688543414/sizes/m/in/photostream/> • Juliana Cristina

Zumbi nasceu livre em Palmares, no ano de 1655, mas foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Batizado como 'Francisco', Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu Português e Latim, e ajudava diariamente na celebração da missa. Apesar destas tentativas de aculturá-lo, Zumbi escapou em 1670 e, com quinze anos, retornou ao seu local de origem. Zumbi tornou-se conhecido pela sua destreza e astúcia na luta e já era um estrategista militar respeitável, quando chegou aos vinte anos.

Por volta de 1678, o governador da Capitania de Pernambuco, cansado do longo conflito com o Quilombo de Palmares, aproximou-se de seu líder Ganga Zumba com uma oferta de paz: Foi oferecida a liberdade para todos os escravos fugidos, se o quilombo se submetesse à autoridade da Coroa Portuguesa. A proposta foi aceita pelo líder, mas Zumbi rejeitou a proposta do governador e desafiou a liderança de Ganga Zumba. Prometendo continuar a resistência contra a opressão portuguesa, Zumbi tornou-se o novo líder do quilombo de Palmares.

Em 20 de novembro de 1695, Zumbi, que fora traído por um de seus homens de confiança, foi assassinado: Ele teve a cabeça cortada, salgada e levada ao governador Melo e Castro. Em Recife, sua cabeça foi exposta em praça pública, visando desmentir a crença da população sobre a lenda da imortalidade de Zumbi.

Porém, até hoje Zumbi é, para determinados segmentos da população brasileira, um símbolo de resistência e em 1995, a data de sua morte foi adotada como o dia da Consciência Negra, tornando feriado nacional no Brasil.

Uma justa homenagem aos negros brasileiros e a todos os que reverenciam Zumbi como o herói que lutou pela liberdade... Como um símbolo de liberdade.

Zumbi e o Quilombo dos Palmares

Mais ou menos em 1600, alguns negros fugidos do trabalho escravo dos engenhos de açúcar, onde hoje são os estados de Pernambuco e Alagoas no Brasil, fundam o Quilombo dos Palmares. As principais funções dos quilombos eram a subsistência e a proteção dos seus habitantes, os quilombolas, e eram constantemente atacados por exércitos e milícias.

Zumbi nasceu livre em Palmares, no ano de 1655, mas foi capturado e entregue a um missionário português quando tinha aproximadamente seis anos. Batizado como 'Francisco', Zumbi recebeu os sacramentos, aprendeu Português e Latim,

Anote suas respostas em seu caderno

Após a leitura e reflexão dos textos, você compreendeu que nossa cultura é marcada pela miscigenação de diferentes nações e pelo sincretismo - que é a mistura das culturas desses povos que para cá vieram. Essa é a nossa identidade nacional: sermos diferentes e diversos.

Nossa música, nossos ritmos e danças trazem a influência da África em nossa História. O samba, por exemplo, desde o seu início, foi diretamente associado às festas africanas. Com o tempo, samba e carnaval foram crescendo juntos, tornando-se pilares da cultura popular e urbana do Brasil.

Para nós, que perdemos o momento, há um presente vagando a nossa volta. Algo deixado por aqueles outros sambistas para que tudo não se perdesse nas exigências dos novos tempos, mas que os abraçasse e desse uma nova cara a essa essência brasileira. Daí a presença de vários artistas que “cantam” nossa essência mestiça e diversificada.

E é a Língua Portuguesa, da maneira como a usamos no dia a dia, que nos identifica como nação. Mas também é ela que nos aproxima de outros povos, como muitas nações africanas. Apesar de diferentes no sotaque, no vocabulário e mesmo na construção de algumas frases, a estrutura básica é a mesma.

A cor do som!

Bons exemplos de músicas que trazem essa temática do Negro e que apresentam lindos traços da miscigenação dos ritmos são:

- “Raça” (Milton Nascimento):

<http://www.youtube.com/watch?v=hyRUz1q3YMo>

- “Zumbi” (música de Jorge Ben, cantada por Caetano Veloso):

http://www.youtube.com/watch?v=s2Crx2_rbSA

- “O canto das três raças” (Clara Nunes):

<http://www.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE>



Assim, que tal estudarmos um pouco mais sobre a estrutura de nossa língua?

Resumo

Nesta unidade, estudamos um panorama do continente africano, mostrando:

- a variedade das sociedades locais,
- sua história e cultura antes da escravidão e depois da escravidão,
- a trajetória do negro no Brasil e sua contribuição para a sociedade brasileira.

E enfatizamos o que existe de africano em nosso país:

- as semelhanças nos gestos, nos cantos,
- na miséria, na violência, na melancolia,
- e no colorido que envolve os povos que compartilham a mesma língua.

Veja ainda

O negro foi tema de vários filmes brasileiros. Procure ver um desses filmes que retratam a vida do negro africano em terras brasileiras.

- Quilombo (1984). Direção Cacá Diegues.

Conta a história de Zumbi e a luta pela libertação dos escravos.

- Xica da Silva" (1976). Direção Carlos Diegues.

Na segunda metade do século 18, a escrava negra Xica da Silva torna-se o centro das atenções no Distrito Diamantino.

- Chico Rei (1985). Direção Walter Lima Jr.

Em meados do século 18, Galanga, rei do Congo, é aprisionado e vendido como escravo. Trazido da África num navio negreiro, recebe o cognome de Chico Rei e vai trabalhar nas minas de ouro de um desafeto do governador de Vila Rica.

- O Povo Brasileiro (1995): Darcy Ribeiro.

O documentário trata das matrizes culturais e dos mecanismos de formação étnica e cultural do povo brasileiro onde o autor estabelece 5 "brasis" distintos:

- O Brasil sertanejo;
- O Brasil crioulo;
- O Brasil caboclo;
- O Brasil caipira;
- O Brasil gaúcho e gringo.-

Referências

- BRAGANÇA, Albertino e outros. **Contos africanos dos países de língua portuguesa.** Org. Rita Chaves. São Paulo: Ática, 2012. (Para gostar de ler, 44)
- CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Tereza Cochard. **Português:** linguagem - vol. 8^a série, São Paulo: Atual, 2009.
- GOLD, Miriam. **Redação empresarial.** 2. ed. São Paulo : Prentice Hall, 2005.
- SANTOS, Luiz Carlos dos e outros (Org.). **Antologia da poesia negra brasileira:** o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005. (Lendo & relendo)
- SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil africano.** São Paulo: Ática, 2008.

Atividade 1

1. Resposta pessoal. O aluno deve perceber que a questão é apresentada pelo autor com o objetivo de evidenciar um grave problema que marca a sociedade moçambicana: o racismo e a necessidade de assumir uma identidade autônoma, livre das imposições colonialistas.

2.

a. A seca e a fome, principalmente no nordeste brasileiro.

b.

- Tamarindeiro ou tamarineiro é originário das savanas africanas, embora seja cultivado principalmente na Índia. No Brasil, o fruto é bastante consumido no Norte e Nordeste do Brasil.
- Planta ciperácea, muito comum à margem dos brejos, onde forma tufos com suas folhas cortantes; cana-brava.
- Caminhar sem rumo certo, vagar.

Respostas
das
Atividades

Atividade 2

1.

a. Temática do exílio, a escrava sentia saudade da sua terra natal.

2. São eles: *Com suas roupas de cambraia e renda./Cativa, não entrava na senzala/Nem tinha mão para o trabalho rude;*

Entre carinhos e afeições de sala./Era cria da casa. A sinhá moça,/Que com ela brincou sendo menina,

3. Justiça

4. Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que o poema chama a atenção para a problemática das crianças negras numa sociedade escravocrata.

Atividade 3

Respostas
das
Atividades

1. Lundu, também chamado de Lundum, caracteriza-se por um gênero musical e dança folclórica de origem afro-brasileira criada a partir dos batuques dos escravos. No período da escravidão, os negros realizavam suas tradições religiosas, cantavam e dançavam para manifestação de sua cultura. No final do século XVIII, o Lundu já se torna presente tanto no Brasil quanto em Portugal, tendo influência cultural de tais países. O ritmo e a dança foram sofrendo modificações no decorrer do tempo, porém a evidência maior é a sensualidade. Apresenta rebolados e “quebras” de quadris, característicos dos movimentos africanos e herdou da cultura europeia, a melodia e harmonia para a composição musical.
2. Não. O samba aponta para a influência da cultura negra no âmbito universal. Vide a menção feita ao “apartheid” vigente, naquela época, na África do Sul.
3. O sincretismo e a miscigenação.



O que perguntam por aí

1. (UNIMEP-SP) Quando implicar tem sentido de “acarretar”, “produzir como consequência”, constrói-se a oração com objeto direto, como se vê em:
 - a. Quando era pequeno, todos sempre implicavam comigo.
 - b. Muitas patroas costumam implicar com empregadas domésticas.
 - c. Pelo que diz o assessor, isso implica em gastar mais dinheiro.
 - d. O banqueiro implicou-se em negócios escusos.
 - e. Um novo congelamento de salários implicará uma reação dos trabalhadores.

Resposta: Letra E.

Comentário: O verbo implicar com o significado proposto é transitivo direto, logo rege um objeto direto, sem o uso de preposição.

Atividade extra

A língua portuguesa e as manifestações culturais africanas

Questão 1: (PUC MINAS 2011)

Texto 1: Fragmento do romance Bom dia camaradas, de Ondjaki.

“

Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre?", eu gostava de fazer essa pergunta quando entrava na cozinha. [...]

– Menino, no tempo do branco isso não era assim...

Depois, sorria. Eu mesmo queria era entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério. [...] 8

– Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui a fazer o quê?

– É!,menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...

– Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...

– Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbondos [ônibus de transporte público] funcionavam...

– ele só sorrindo.

– Mas ninguém era livre, António... não vês isso?

– Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...

– Não é isso, António – eu levantava-me do banco. – Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser...

O camarada António aí ria só.

”

In: ONDJAKI. Bom dia camarada. Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 17-18.

Texto 2: Fragmento do ensaio “Língua que não sabíamos que sabíamos”, de Mia Couto.

“

Num conto que nunca cheguei a publicar acontece o seguinte: uma mulher, em fase terminal de doença, pede a marido que lhe conte uma história para apaziguar as insuportáveis dores. Mal ele inicia a narração, ela o faz parar:

— Não, assim não. Eu quero que me fale numa língua desconhecida.

— Desconhecida? — pergunta ele.

— Uma língua que não existe. Que eu preciso tanto de não compreender nada!

O marido se interroga: como se pode saber falar uma língua que não existe? Começa por balbuciar umas palavras estranhas e sente-se ridículo como se a si mesmo desse provas da incapacidade de ser humano.

Aos poucos, porém, vai ganhando mais à-vontade nesse idioma sem regra. E ele já não sabe se fala, se canta, sereza. Quando se detém, repara que a mulher está adormecida, e mora em seu rosto o mais tranquilo sorriso. Maistarde, ela lhe confessa: aqueles murmúrios lhe trouxeram lembranças de antes de ter memória. E lhe deram o conforto desse mesmo sono que nos liga ao que havia antes de estarmos vivos.

[...]

Moçambique é um extenso país, tão extenso quanto recente. Existem mais de 25 línguas distintas. Desde o anoda Independência, alcançada em 1975, o português é a língua oficial. Há trinta anos apenas, uma minoria absoluta falava essa língua ironicamente tomada de empréstimo do colonizador para negar o passado colonial. Há trinta anos, quase nenhum moçambicano tinha o português como língua materna. Agora, mais de 12% dos moçambicanos têm o português como seu primeiro idioma. E a grande maioria entende e fala português inculcando na norma portuguesa as marcas das culturas de raiz africana.

”

In: COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano? e outras interinvenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
p. 11-18.

A colonização portuguesa na África perdurou até o fim do século XX, com as guerras de independência. As tensões políticas e sociais repercutiram e ainda repercutem fortemente na produção literária desses países, especialmente nas literaturas angolana e moçambicana. Levando-se em consideração o contexto histórico do período pós-colonial, é possível verificar que, para o narrador-menino do texto de Ondjaki, bem como para Mia Couto, em seu ensaio, a colonização portuguesa é vista como:

- a. autoritária e impositiva, oposta à autonomia das nações dominadas.
- b. vantajosa para a economia e para a comunicação entre os povos.
- c. importante para as tradições locais e para a língua das colônias.
- d. repressora dos direitos à liberdade de pensamento e expressão.

Questão 2: (PUC Minas 2011)

No texto de Ondjaki, o diálogo entre António e o narrador permite identificar um conflito fundamentalmente:

- a. racial.
- b. filosófico.
- c. educativo.
- d. ideológico.

Questão 3 (PUC Minas 2011)

Segundo o texto de Mia Couto, o português falado em Moçambique:

- a. suscita a lembrança de tempos imemoriais.
- b. traz as marcas da cultura africana.
- c. busca negar o passado colonial.
- d. é uma língua desconhecida e de pouca influência.

Questão 4: (PUC Minas 2012)

Fragmento extraído do livro Terra sonâmbula(1993), do escritor moçambicano Mia Couto.

“

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mesticara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens.

Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bamboleantes como se caminhar fosse seu único

serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. [...]

”

(COUTO, Mia. Terra sonâmbula. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 9)

Embondeiro

Tipo de árvore das florestas tropicais.

Uma das marcas da prosa de Mia Couto é o emprego de recursos próprios da linguagem poética, o que confere sensibilidade e lirismo à narrativa.

Considere as passagens do texto e a respectiva identificação do recurso poético nelas empregado.

I .“A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma.” – aliteração.

II .“Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.” – personificação.

III .“Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada.” – metáfora.

A identificação está CORRETA em:

- a. I apenas.
- b. II apenas.
- c. I e II.
- d. II e III.

Questão 5 : Discursiva

A seguir, você está sendo convidado a produzir um texto a partir das reflexões que fizemos sobre a Língua Portuguesa falada em diversos países e continentes e, principalmente, a partir do estudo sobre os textos de autores africanos de países cuja língua oficial é a Língua Portuguesa, elemento que permite uma aproximação entre nós e os povos africanos. Ao terminar seu texto, leve-o ao seu professor para que sua redação seja corrigida.

PRODUÇÃO DE TEXTO (PUC Minas – 2011 - adaptada)

Assumindo o ponto de vista de um estudante do ensino médio motivado pelas discussões ocorridas na disciplina Língua Portuguesa e tomando como mote as reflexões que se seguem, você deverá produzir um artigo de opinião, a ser publicado em revista de uma universidade. O tema central de sua produção escrita é a multiplicação de línguas e linguagens na sociedade contemporânea. Você deverá deixar claro não só o seu ponto de vista como os argumentos que o sustentam. Seu texto deverá ser escrito em registro culto.

Os trechos a seguir o ajudarão a refletir sobre o tema. Mas lembre-se: não copie nenhum fragmento dos trechos. Eles oferecem argumentos e reflexões para a elaboração de seu artigo de opinião.

Texto 1: O mito de Babel

“

A Torre de Babel, segundo a narrativa bíblica no Gênesis, foi uma torre construída por um povo com o objetivo que o cume chegassem ao céu, para tornarem o nome do homem célebre. Isto era uma afronta dos homens para Deus, pois eles queriam se igualar a Ele. Embora não tenha parado o projeto, Deus depois castigou os homens de maneira que estes falassem várias línguas para que eles não se entendessem e não pudessem voltar a construir uma torre com esse propósito.

Esta história é usada para explicar a existência de muitas línguas e etnias diferentes. A localização da construção teria sido na planície entre os rios Tigre e Eufrates, na Mesopotâmia (atual Iraque), uma região célebre por sua localização estratégica e pela sua fertilidade.

”

Trecho 2:

“

A palavra distingue os Homens dos animais; a linguagem distingue as nações entre si. Não se sabe de onde é um Homem antes que ele tenha falado. A linguagem nasce de uma profunda necessidade de comunicação: Desde que um Homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a si próprio, o desejo e a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso.

”

(Rousseau, 1981)

Trecho 3

“

O universo de falantes do Português Brasileiro é, via de regra, sociolinguisticamente heterogêneo, composto por indivíduos de classe social e de nível sociocultural diferenciados. Por isso, as diferentes variedades standart(padrão) e não standard podem apresentar-se mais ou menos marcadas e, em geral, distribuídas num continuum.

Até o ingresso na escola, o nativo de português possui domínio completo do coloquial da língua e é no processo de letramento que passa a incorporar o padrão culto, os estilos e gêneros formais na fala e na escrita. Sem a ação da educação formal, o falante tende a manter tão somente o padrão vernacular, de modo que deixá-lo de fora do processo de sistematização dos saberesletrados pode excluí-lo socialmente, alijando-o e condenando-o a permanecer estagnado na escala social.

”

(Souza Lima, 1988)

Gabarito

Questão 1

- A B C D E

Comentário: O último parágrafo do texto, principalmente o trecho " uma minoria absoluta falava essa língua ironicamente tomada de empréstimo do colonizador para negar o passado colonial.", justifica a resposta.

Questão 2

- A B C D E

Comentário: Note que o diálogo é marcado por questionamentos sobre o uso da língua; por isso, de caráter ideológico (no plano da ideias que se defendem sobre um dado assunto).

Questão 3

- A B C D E

Comentário: o último período do texto "E a grande maioria entende e fala português inculcando na norma portuguesa as marcas das culturas de raiz africana." justifica a resposta.

Questão 4

- A B C D E

Comentário: Note que os embondeiros, árvores, contemplam, atitude própria do ser humano. Daí, personificação.

de características de
uma cena, uma situação;
ou ainda o texto descreve
análise, piada, humor, etc.
e, ouve, sente, sente, sente"
num livro didático, numa revista de
relatório etc.

' Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou
ouvinte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa,
um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza:
numa sequência de frases e orações em que se destacam o que se
descreve (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções
jetivas). Veja, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a per-
sonagem de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos destacam um sorriso
tímido e tristonho.

(O adjetivo) é caracterizada com o adjetivo "clara",
(O adjetivo) apresentam os adjetivos "tímido" e

A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea

Fascículo 14

Unidade 39

A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea

Para início de conversa...

Enfim, chegamos ao Modernismo!!!



Rio + 20: documento final aprovado, mas há insatisfação

(DNCiência on line. in http://www.dn.pt/inicio/ciencia/interior.aspx?content_id=2618663)

Paquera no trabalho pode revelar profissional insatisfeito

(Veja online - Ciência . in <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/homens-que-flertam-no-trabalho-podem-estar-insatisfeitos-com-a-profissao>)

Mais de 60% dos jovens brasileiros dizem estar insatisfeitos com o corpo

(Jornal O Dia - online. in <http://odia.ig.com.br/portal/cienciaesaudade/mais-de-60-dos-jovens-brasileiros-dizem-estar-insatisfeitos-com-o-corpo-1.452942>)

Pois é! A insatisfação sempre encontra espaço no cotidiano das pessoas, não é? Mas é essa insatisfação que faz “o mundo girar”, criar novas propostas, inventar coisas novas! E novos estilos de vida! E de arte, de poesia, como no Modernismo, no século XX, e mais tarde, na Literatura Contemporânea. Esses são os movimentos que iremos estudar nessa unidade. Podemos começar?

Objetivos da aprendizagem:

- Reconhecer o conceito de poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea a partir da análise de textos.
- Estabelecer relações entre textos de épocas diferentes, situando aspectos do contexto histórico, social e político do Brasil.
- Relacionar as concepções poéticas das várias fases do Modernismo.
- Reconhecer as várias manifestações poéticas na Literatura Contemporânea.

Seção 1

Modernismo: da insatisfação à ruptura

O Modernismo foi um movimento que se insurgiu contra o passado, o academicismo representado, principalmente, pelos estilos que dominavam as últimas décadas do século XIX.

Claro que ele não aconteceu de um dia para o outro. Esse movimento se insere num processo social e histórico de reformulações, que refletem as inquietações e surpresas do progresso e do dinamismo que caracterizavam o século XX.

A Semana de Arte Moderna é considerada o marco fundador do Modernismo brasileiro. Entretanto, houve uma sucessão de movimentos significativos que prenunciavam o evento: exposições, publicações de livros e artigos em jornais anunciando a nova estética e até a articulação para que a semana se realizasse no ano do Centenário da Independência (1922). Significativo, não?

E assim aconteceu. A Semana de Arte Moderna ocorreu entre os dias 13 e 18 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo, com a participação de artistas do Rio de Janeiro e São Paulo.



Figura 1: Capa do catálogo da Semana de Arte Moderna

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/8a/Semana_de_arte_moderna_1922.jpg.



Figura 2: Importantes figuras do Modernismo em 1922: Mario de Andrade (sentado à frente), Anita Malfatti (sentada ao centro) e Zina Aita (à esquerda de Anita)

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Arte-moderna-1922.jpg>

“

Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos.”

Aníbal Machado

”

Estas palavras expressam, perfeitamente, o espírito da Semana de 22, marcado pela liberdade de criação, por uma forte consciência nacional, pela destruição da velha ordem. É um momento de maturidade e novos rumos artísticos. São Paulo treme!!! Manuel Bandeira propaga:

Poética (fragmentos)

Estou farto do lirismo comedido

do lirismo bem comportado

(...)

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de
um vocábulo

Abaixo os puristas

(...)

Não queremos mais saber do lirismo que não é libertação.

O ano de 1922 não é apenas a realização da Semana de Arte Moderna. Outros fatos importantes, e também decisivos, acontecem marcando a sociedade brasileira:

- Março: fundação do Partido Comunista.
- Julho: rebelião dos tenentes do Forte de Copacabana (Os 18 do Forte).
- Setembro: comemoração do Centenário da Independência do Brasil e, na ocasião, é realizada a primeira transmissão radiofônica em nosso país.
- Novembro: Artur Bernardes, eleito, toma posse como presidente da nossa nação, em pleno **estado de sítio**.

Estado de sítio

Suspensão temporária dos direitos e garantias constitucionais de cada cidadão e a submissão dos Poderes Legislativo e Judiciário ao Poder Executivo a fim de defender a ordem pública. O Poder Executivo assume todo o poder que é normalmente distribuído em um regime democrático.

É também nessa década de 20 que assistimos à eleição do futebol como paixão nacional e à consolidação do cinema como diversão. Tornam-se hábitos frequentar a praia, passeios na rua, danças em clubes. É uma década movimentada!!!



Figura 3: Fotografia da Rua Libero Badaró, em São Paulo, na década de 20, ainda com os prédios baixos e pouco movimento de carros nas ruas.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Guilherme_Gaensly_-_Libero_Badar%C3%B3,_sentido_Pra%C3%A7a_do_Patriarca,_c._1920.jpg.



Figura 4: Cartão Postal da cidade de São Paulo na década de 20. Ao fundo, está o Teatro Municipal de São Paulo, onde ocorreu a Semana de Arte Moderna

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Image003_Teatro.jpg.

E as ações não se limitaram à Semana, as ideias modernistas semeiam vários grupos de vanguarda que defenderam o processo de renovação artística. Várias revistas, manifestos e grupos surgiram com a tarefa de despertar as consciências adormecidas. São eles:

- Principais manifestos: Poesia Pau-Brasil, Antropófago e Nhegaçu Verde-Amarelo;
- Principais revistas: *Klaxon* (1922), *Revista de Antropofagia* (1928) e *Terra Roxa e Outras Terras* (1927) em São Paulo; *Estética* (1924) e *Festa* (1927) no Rio de Janeiro e *Verde* (1927) e *A Revista* (1925) em Minas Gerais.
- Principais grupos: Pau-Brasil, Antropófago e Verde-Amarelo – posterior Escola da Anta (São Paulo); Grupo Modernista-Regionalista de Recife (Pernambuco) e Grupo de Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Assim, podemos ver o movimento modernista dividido em três momentos:

- 1922-1930: “fase heroica” marcada pelo radicalismo e também pela releitura e ruptura com o passado brasileiro.
- 1930-1945: apresenta a consolidação das ideias propostas após a Semana de Arte Moderna, a prosa regionalista e o amadurecimento da poesia brasileira.
- 1945-... (Pós-Modernismo): caracteriza-se pela intensa pesquisa estética, pela fragmentação da narrativa e pela experimentação.

Você deve estar se perguntando: como estudaremos esse movimento? Simples. Em duas unidades: a primeira abordará a produção poética e a segunda, a produção em prosa. Privilegiaremos textos ligados à temática da sustentabilidade. Será que os autores desse período já se preocupavam com essa situação? Produziram uma literatura panfletária ou abordaram questões relacionadas à Natureza, surgimento de cidades, seca, uso da terra, consequências da modernidade?

Então? Vamos ver como isso tudo aconteceu no Modernismo?

Seção 2

Primeira fase modernista: uma tropa de choque

O primeiro tempo modernista, o período entre 1922 e 1930, é de buscas e definições, de manifestos e propos- tas. É o momento mais radical do movimento e apresenta as seguintes características:

- Liberdade de criação: adoção do verso livre, descoberta de outros esquemas rítmicos, extinção da rima ou sua utilização com outros objetivos expressionais, abandono da pontuação.
- Linguagem coloquial: revitalização do idioma com elementos da cultura nacional; abandono do rigor grammatical e a retomada da ideia romântica de resgatar uma “linguagem brasileira”.
- Valorização do comum, do cotidiano, tudo pode ser transformado em poesia.

- Incorporação do presente: o hoje, a vida moderna.
- **Irreverência** e humor
- Nacionalismo crítico, consciente, de denúncia da realidade brasileira;
- Nacionalismo **ufanista**, utópico, exagerado.

Vamos, então, aos textos?

Irreverência:

Falta de respeito, ato desrespeitoso, desacato.

Ufanista:

Otimismo nacionalista.

1. Leia o início do poema “Máquina-de-escrever”, de Mário de Andrade, publicado no livro O losango cáqui (1924)

B D G Z, Remington.

Pra todas as cartas da gente.

Eco mecânico

de sentimentos rápidos batidos.

Pressa, muita pressa.

Duma feita surrupiaram a máquina-de-escreverdo meu mano.

Isso também entra na poesia

Porque ele não tinha dinheiro para comprar outra.

(...)

- Explique por que o conteúdo dos três últimos versos do poema exemplifica a proposta do modernismo de propiciar ao autor uma liberdade de criação.
- O verso “Duma feita surrupiaram a máquina-de-escrever do meu mano” exemplifica o uso do registro coloquial pelos modernistas. Reescreva-o usando o padrão culto da língua.



2. No Romantismo, a natureza do Brasil foi enaltecida por Gonçalves Dias na Canção do exílio:

Atividade

1

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;

As aves que aqui gorjeiam,

Saiba Mais



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mario_de_andrade_1928b.png.

Mário Raul de Moraes Andrade (1893 —1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo. Um dos fundadores do modernismo, ele praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada* em 1922. Andrade exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira, foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo. Músico treinado e mais conhecido como poeta e romancista, Andrade esteve pessoalmente envolvido

em praticamente todas as disciplinas que estiveram relacionadas com o modernismo em São Paulo. Suas fotografias e seus ensaios, que cobriam uma ampla variedade de assuntos, da história à literatura e à música, foram amplamente divulgados na imprensa da época. Andrade foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna. As ideias por trás da Semana seriam melhor delineadas no prefácio de seu livro de poesia *Paulicéia Desvairada* e nos próprios poemas. Após trabalhar como professor de música e colunista de jornal, ele publicou seu maior romance, *Macunaíma*, em 1928. Andrade continuou a publicar obras sobre música popular brasileira, poesia e outros. No fim de sua vida, se tornou o diretor-fundador do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo formalizando o papel que ele havia desempenhado durante muito tempo como catalisador da modernidade artística nacidade—e no país.

Não gorjeiam como lá.

(...)

Agora, leia os versos de Oswald de Andrade no seu Canto de regresso à pátria:

Minha terra tem palmares

Onde gorjeia o mar

Os passarinhos daqui

Não cantam como os de lá

(...)

Palmares

vastas regiões, localizadas no Nordeste, cobertas por palmeiras, também é o nome do famoso quilombo fundado e destruído naquela região no século XVII. Fim do verbete

Atividade

1

- a. Aponte uma semelhança e uma diferença entre os dois fragmentos.

3. Oswald de Andrade foi responsável por grande parte do espírito irreverente, crítico e demolidor da primeira fase do Modernismo. Identifique, nos fragmentos a seguir, todos



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oswald_de_andrade_1920.jpg.

José Oswald de Sousa Andrade (1890 — 1954): escritor, ensaísta e dramaturgo. Seu nome pronuncia-se com acento na letra a (Oswáld). Foi um dos promotores da Semana de Arte Moderna, tornando-se um dos grandes nomes do modernismo literário brasileiro. Foi considerado pela crítica como o elemento mais rebelde do grupo, sendo o mais inovador entre estes. Foi o autor dos dois mais importantes manifestos modernistas, o Manifesto da Poesia Pau-Brasil e o Manifesto Antropófago, bem como do primeiro livro de poemas do modernismo brasileiro afastado de toda a eloquência romântica, Pau-Brasil. Muito próximo, no princípio de sua carreira literária, da pessoa de Mário

de Andrade, ambos os autores funcionaram como um dinâmico na introdução e experimentação do movimento, unidos por uma profunda amizade que durou muito tempo. Possuindo, porém, profundas distinções estéticas em seu trabalho, Oswald de Andrade foi também mais provocador que o seu colega modernista, podendo hoje ser classificado como um polemista. Nesse aspecto, não só os seus escritos como as suas aparições públicas serviram para moldar o ambiente modernista da década de 1920 e de 1930.



desse autor, os principais elementos de modernidade:



- a. Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió (Vício na fala)

- b. Dê-me um cigarro

(...)

Mas o bom negro e o bom branco

(...)

Dizem todos os dias

(...)

Me dá um cigarro (Pronominais)

(1 linha)

- c. Foguetes pipocam o céu quando em quando

Há uma moça magra que entrou no cinema

Vestida pela última fita (Cidade)

4. Baseando-se no fragmento do poema Trem de ferro, de Manuel Bandeira, assinale as opções corretas relacionadas ao texto:

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

- a.() A significação do trecho provém da sugestão sonora.

- b.() O poeta utiliza expressões da fala popular.

- c.() A temática e a estrutura contrariam o programa poético do Modernismo.

5. O poema de Manuel Bandeira Evocação ao Recife integra a obra *Libertinagem*, na qual o autor incorpora vários temas ligados à cultura popular e ao folclore. O poema, ao mesmo tempo que tematiza a infância, faz uma descrição da cidade do Recife no fim do século XIX. Observe o que se pede:



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Manuel_Bandeira.

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho (1886 —1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de

22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os Sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna. Dono de um estilo simples e direto, aborda temáticas cotidianas e universais, às vezes com uma abordagem de "poema-piada", lidando com formas e inspiração que a tradição acadêmica considera vulgares. Mesmo assim, conhecedor da Literatura, utilizou-se, em temas cotidianos, de formas colhidas nas tradições clássicas e medievais. É comum encontrar poemas (como o *Poética*, do livro *Libertinagem*) que se transformaram em um manifesto da poesia moderna. No entanto, suas origens estão na poesia parnasiana. Uma certa melancolia, associada a um sentimento de angústia, permeia sua obra, em que procura uma forma de sentir a alegria de viver. Doente dos pulmões, Bandeira sofria de tuberculose e sabia dos riscos que corria diariamente, e a perspectiva de deixar de existir a qualquer momento é uma constante na sua obra.

Atividade

1



Saiba Mais

- a. Na primeira estrofe do poema, transcrita abaixo, o eu lírico delimita o Recife que evoca. Não é o Recife histórico nem o Recife turístico ou cultural. A qual Recife ele se refere? Destaque um verso que justifique sua resposta.



Recife

Não a Veneza americana
Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois –
Recife das revoluções libertárias
Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância
(...)

b. Observe estes versos do poema.

Uma pessoa grande dizia:

Fogo em Santo Antônio!

(...)

(Tenho medo que hoje se chame Dr. Fulano de Tal)

O eu lírico, ao evocar o passado, coloca-se no texto como adulto ou como criança?

Justifique sua resposta.

6. Assim como Mário e Oswald de Andrade, Bandeira também se preocupou com a necessidade de criar uma nova língua literária. É possível afirmar que Bandeira pôs em prática nos fragmentos apresentados essa concepção de língua? Justifique.

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Seção 3

Segunda fase modernista: uma poesia para transformar o mundo

Herdando as conquistas da geração de 22, a segunda fase do Modernismo brasileiro vai de 1930 a 1945.

O momento histórico é conturbado. O mundo vive a depressão econômica, o avanço do nazifascismo e a II Guerra Mundial. No Brasil, Getúlio Vargas ascende ao poder e se consolida como ditador, é o Estado Novo. Além das pesquisas estéticas, o universo temático se amplia e incorpora preocupações relativas ao destino do homem.

1945 marca o fim da guerra, é lembrado pelas explosões nucleares, pela criação da ONU e pela derrubada de Getúlio Vargas no Brasil. Abre-se, assim, um novo período na história literária brasileira.

A poesia dessa geração, 30-45, apresenta as seguintes características:

- Incorporação e aprofundamento das propostas de 22: o verso livre, a liberdade temática, a ironia, o cotidiano e a linguagem coloquial.
- Conciliação da tradição e da modernidade: somam-se aos elementos da modernidade, elementos tradicionais como as formas poéticas fixas (o soneto, por exemplo) e a volta dos três gêneros (lírico, épico e dramático).
- Poesia engajada: consciência da natureza política dos problemas do mundo e denúncia das desigualdades geradas pelo capitalismo, dos mecanismos de opressão e de desumanização.
- Cosmovisão: percepção de seu tempo e da necessidade de fazer do texto poético arma de transformação.
- Universalismo: consciência social que extrapola a problemática local numa tentativa de entender as relações do homem com o universo que habita.

Carlos Drummond de Andrade, poeta dessa geração, propõe como perspectiva para enfrentar esses tempos difíceis :a união, as soluções coletivas:

O presente é tão grande, não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Vamos, então, de mãos dadas, conhecer o que se produziu nesses anos?



1. Em 1945, com a publicação de *A rosa do povo*, Carlos Drummond de Andrade aborda temas emergenciais da época: nazismo, fascismo, Segunda Guerra, ditadura de Getúlio Vargas, alienação das elites, comunismo e a necessidade de união. Nessa fase, voltada para o social, o poeta se interessa em abordar o presente. Vejamos um fragmento de um dos poemas que fazem parte desse livro. Depois, reflita sobre o que se segue:

A Flor e A Náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,

vou de branco pela rua cinzenta.

Melancolias, mercadorias, espreitam-me.

Devo seguir até o enjoo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:

Não, o tempo não chegou de completa justiça.

O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.

O tempo pobre, o poeta pobre

fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.

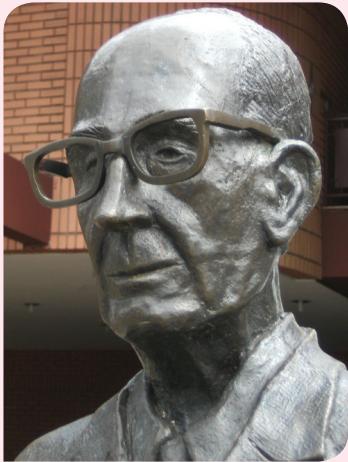
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.

(...)

- a. Em *A rosa do povo*, Drummond se declara anticapitalista. Nos três primeiros versos desse fragmento, esse anticapitalismo se manifesta? Justifique sua resposta.
- b. De acordo com os dois últimos versos do fragmento, como se manifesta, no campo da linguagem, o impasse de que fala o poeta? Explique resumidamente.

Atividade

2



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carlos_Drummond_de_Andrade,_kapo.jpg

Carlos Drummond de Andrade (1902—1987): poeta, contista e cronista. O modernismo não chega a ser dominante nem mesmo nos primeiros livros de Drummond, *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das almas* (1934), em que o poema-piada e a descontração sintática pareceriam revelar o contrário. A dominante é a individualidade do autor, poeta da ordem e da consolidação, ainda que sempre, e fecundamente, contraditórias. Torturado pelo passado, assombrado com o futuro, ele se detém num presente dilacerado por este e por aquele, testemunha lúcida de si mesmo e do transcurso dos homens, de um ponto de vista melancólico e cético. Mas, enquanto ironiza os costumes e a sociedade, asperamente satírico em seu amargor e desencanto, entrega-se com empenho e requinte construtivo à comunicação estética desse modo de ser e estar. Vem daí o rigor, que beira a obsessão. O poeta tra-

balha, sobretudo, com o tempo. Sentimento do mundo (1940), em José (1942) e, enfaticamente, em *A rosa do povo* (1945), Drummond lançou-se ao encontro da história contemporânea e da experiência coletiva, participando, solidarizando-se social e politicamente, descobrindo na luta a explicitação de sua mais íntima apreensão para com a vida como um todo. A surpreendente sucessão de obras-primas, nesses livros, indica a plena maturidade do poeta, mantida sempre. Drummond foi, seguramente, por muitas décadas, o poeta mais influente da literatura brasileira em seu tempo, tendo também publicado diversos livros em prosa.



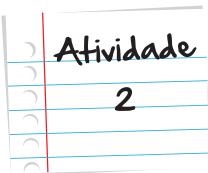
2. Drummond demonstrava preocupação com o mundo no futuro. Leia o fragmento a seguir do poema *Cidade Prevista*, que também pertence ao livro *Rosa do povo*. Depois, responda ao que se pede:

(...)

Irmãos, cantai esse mundo

que não verei, mas virá

(...)



Um mundo enfim ordenado,
uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
uma terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um.

- a. A quem se dirige o eu lírico e com que finalidade?
- b. A que "cidade" se refere o título do poema e como ela é representada?
- c. O poema termina com esses quatro versos:

*Este país não é meu
nem vosso ainda, poetas.*

*Mas ele será um dia
país de todo homem.*

Neles, você considera que Drummond demonstra sua solidariedade com o mundo?

3. Quando pensamos em Segunda Guerra Mundial, logo nos vêm à memória as bombas atômicas que destruíram duas cidades (Hiroshima e Nagasaki), no Japão, em 1945, deixando mais de 200 mil mortos e famílias japonesas, em todo o mundo, despedaçadas. Na literatura, é claro que esse episódio também sensibilizou poetas, como Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes (que estudaremos a seguir), que traduziram em palavras o horror que o mundo sentiu ao saber das bombas. O poema de Drummond tem como título *A Bomba* e compõe o livro *Lição de coisas* (1962). Observe alguns fragmentos desse poema:

Atividade

2

A bomba

é uma flor de pânico apavorando os floricultores

A bomba

é o produto quintessente de um laboratório falido

(...)

A bomba

envenena as crianças antes que comecem a nascer

A bomba

continua a envenená-las no curso da vida

(...)

A bomba

mata só de pensarem que vem aí para matar

(...)

A bomba

é podre

A bomba

gostaria de ter remorso para justificar-se mas isso lhe é vedado

A bomba

pediu ao Diabo que a batizasse e a Deus que lhe validasse o batismo

A bomba

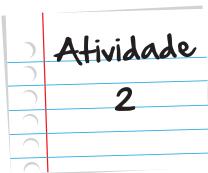
declare-se balança de justiça arca de amor arcanjo de fraternidade

(...)

A bomba

é russamenricanenglish mas agrada-m-lhe eflúvios de Paris

A bomba



oferece de bandeja de urânio puro, a título de bonificação, átomos de paz

(...)

A bomba

não admite que ninguém se dê ao luxo de morrer de câncer

A bomba

é câncer

(...)

A bomba

não destruirá a vida

O homem

(tenho esperança) liquidará a bomba.

Nesse livro, o poeta experimenta a valorização dos aspectos visuais e sonoros. Como essa experiência acontece nesses fragmentos ?

4. Murilo Mendes herdou da primeira fase modernista o espírito satírico e a ironia. Ele também, como Gonçalves Dias (poeta do Romantismo), escreveu sua Canção do Exílio. Leia esse fragmento do poema e responda o que se segue:

(...)

Eu morro sufocado em terra estrangeira.

Nossas flores são mais bonitas

nossas frutas mais gostosas

mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade

e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Nesse poema, Murilo Mendes se coloca como exilado no próprio Brasil, por estar o país marcado por influências estrangeiras. São "macieiras da Califórnia", "gaturamos de Veneza", "Gioconda". Entretanto, ele apresenta, nesse fragmento, uma proposta de um Brasil brasileiro. Cite esses versos.

1. Jorge de Lima apresenta belas composições, de coloração regional, em que ele usa sua memória de menino branco, marcado pela infância repleta de imagens dos engenhos e de negros trabalhando em regime de escravidão, imprimindo uma feição social a sua poesia. Leia os fragmentos, a seguir, de poemas de Jorge de Lima e identifique a questão social que ele está abordando:

a.

Lá vem o acendedor de lampiões de rua!

(...)

Triste ironia atroz que o senso humano irrita:

Ele, que doira a noite e ilumina a cidade,

Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

(O acendedor delampiões)

b.

A filha de Pai João tinha um peito de

Turina para os filhos de loiô mamar:

Quando o peito secou a filha de Pai João

Também secou agarrada num

Ferro de engomar.

A pele do Pai João ficou na ponta

Dos chicotes.

A força de Pai João ficou no cabo

Atividade

2

Atividade
2



Murilo Monteiro Mendes (1901 — 1975): poeta e prosador.

Iniciou-se na literatura escrevendo nas revistas modernistas Terra



Roxa, Outras Terras e Antropofagia. Os primeiros livros são claramente modernistas, revelando uma visão humorística da realidade brasileira. *Tempo e Eternidade* (1935) marca a conversão de Murilo Mendes ao catolicismo. Nesse livro, os elementos humorísticos diminuem e

os valores visuais do texto são acentuados. Foi escrito em colaboração com o poeta Jorge de Lima. Nos volumes da fase seguinte, o poeta apresenta influência cubista, sobrepondo imagens e fazendo o plástico predominar sobre o discursivo.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ismael_Nery_-_Retrato_de_Murilo_Mendes,_1922.jpg.

Da enxada e da foice.

A mulher de Pai João o branco

A roubou para fazer mucamas.

(Pai João)

c.

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.

A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dêle pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?

Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra fulô?
Essa negra Fulô!
(Essa negra Fulô)

Atividade

2

Jorge Mateus de Lima (1893 —1953): foi político, médico, poeta, romancista, biógrafo, ensaísta, tradutor e pintor. Inicialmente, autor de belíssimos alexandrinos, posteriormente transformou-se em um modernista. Os textos de Jorge de Lima abrigam uma colossal possibilidade de leituras (a convivência entre a tradição e o novo, o vulgar e o sublime, o regional e o universal) refletem um artista em constante mutação, que experimentou estilos diversos como o parnasiano, o regional, o barroco, o religioso. Na sua multiplicidade, Jorge de Lima pertence a todas as épocas, mesmo se reportando a um tema ou uma situação específica.



- 2 Cecília Meireles teve uma trajetória poética bem particular, marcada por um lirismo melancólico de tradição luso-brasileira e pelos temas da fugacidade do tempo, precariedade dos seres, solidão, brevidade de vida e da religiosidade. Leia esse fragmento de Reinvenção e responda às perguntas que o seguem:

A vida só é possível

reinventada.

Anda o sol pelas campinas

e passeia a mão dourada

pelas águas, pelas folhas...

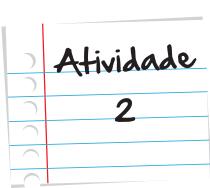
Ah! tudo bolhas

que vem de fundas piscinas

de ilusionismo... - mais nada.

(...)

- Que traço estilístico está presente nesse fragmento com a repetição da consoante p e das vogais a, e, i, o, criando um tom imaterial, evanescente?
- Destaque o trecho que justifica o que o eu lírico afirma no início: "A vida só é possível / reinventada".



Saiba Mais

Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901 — 1964): poetisa, pintora, professora, cronista, ensaísta, tradutora, dramaturga e jornalista. É considerada uma das vozes líricas mais importantes das literaturas de língua portuguesa. Cecília imprimiu a marca que a caracterizou como poeta: a musicalidade de influência simbolista. Em *Romanceiro da Inconfidência*, ela fez uma incursão na história do Brasil, transformando em versos de cunho social a Inconfidência Mineira, tema que ela estudou por dez anos. Por meio de seu romanceiro (narrativa rimada), dividido em 85 romances, a escritora reflete não só sobre fatos e personagens históricos, mas sobre a arbitrariedade, a tirania e a traição humanas.

3. A Segunda Guerra Mundial teve um desfecho que demonstrou o poderio bélico dos Estados Unidos: o bombardeio nuclear nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki, no dia 06 de agosto de 1945. Esse ataque, além de matar e mutilar milhares de pessoas, teve, como consequência, o desenvolvimento de enfermidades na população (queimadura, cegueira, surdez, câncer etc.) e desastres ambientais (devastação de vegetação, chuvas ácidas, que causaram a contaminação de rios, lagos e plantações). Vinícius de Moraes abordou esse tema no poema *Rosa de Hiroshima*. Leia alguns fragmentos desse texto, veja algumas imagens desse bombardeio e escreva um texto refletindo sobre as consequências desse ato americano.

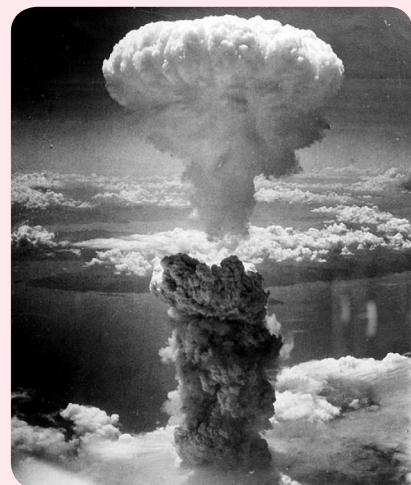


Foto 5: A nuvem de cogumelo resultante da explosão nuclear em Nagasaki, 18 km acima do solo.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Nagasakibomb.jpg>.

Pensem nas crianças

Mudas telepáticas

Pensem nas meninas

Cegas inexatas

(...)

A anti-rosa atômica

Sem cor sem perfume

Sem rosa, sem nada

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Vinicius.jpg>.

Vinícius de Moraes (1913 — 1980): diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor. Poeta essencialmente lírico, também conhecido como “poetinha”, apelido que lhe teria atribuído Tom Jobim, notabilizou-se pelos seus sonetos. Inicialmente, o poeta foi influenciado pela religiosidade neosimbolista e pela renovação católica de 1930. Dos poemas de tradição católica, Vinícius transitou para a temática da oposição matéria e espírito, para o sensualismo e para o erotismo. Também estão presentes, na produção do poeta, o cotidiano (valorização do momento – traduzido em linguagem simples e em sonetos clássicos), o engajamento político e a crítica às consequências da guerra. Sua obra é vasta, passando pela literatura, teatro, cinema e música. No campo musical, o poetinha teve como principais parceiros Tom Jobim, Toquinho, Baden Powell, João Gilberto, Chico Buarque e Carlos Lyra.

Saiba Mais

Seção 4

Terceira fase modernista: poesia para reflexão

A terceira fase do movimento modernista, no Brasil, está historicamente ligada ao fim da Segunda Guerra Mundial e à deposição de Getúlio Vargas, no poder desde 1930. Instala-se, aqui, um ambiente de democracia, ainda que frágil.

Nesse mesmo período, Estados Unidos e Rússia empenham-se numa corrida armamentista sofisticada, com poder arrasador, são os tempos da Guerra Fria.

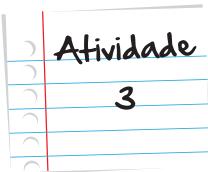
A fragilidade da nossa democracia evidencia-se no final do governo de Eurico Gaspar Dutra e a eleição de Getúlio que volta ao poder sem golpes. O período é conturbado com muitas greves trabalhistas. Vargas, sem apoio e pressionado por uma conspiração popular, suicida-se em 1954.

Juscelino Kubitschek, em 1955, é eleito e assume a presidência da República, transfere a capital do Brasil para Brasília (1960). Seguem-no na presidência: Jânio Quadros (1961) e João Goulart (1961). Mas um duro golpe atinge o país, instala-se a ditadura militar (1964-1987). Assiste-se ao fim das liberdades democráticas e à instalação de um novo modelo econômico – o “milagre brasileiro”: Estado, multinacionais e capital nacional.

É nesse ambiente que floresce a literatura desse terceiro tempo modernista e que apresenta as seguintes características:

- Volta ao passado (passadismo): revalorização da rima, da métrica, do vocabulário erudito e das referências mitológicas.

- Engajamento: senso de compromisso entre arte e realidade, produção literária ligada à vida social.
- Universalismo: linguagem livre e uma percepção dos vários aspectos do mundo.



1. João Cabral de Melo Neto é considerado o mais importante poeta dessa geração, a Geração de 45. A realidade brasileira, sobretudo a presente na região Nordeste, é uma marca da sua literatura. Em *Morte e vida Severina*, João Cabral "revisita" a história do nascimento de Cristo no Recife. O protagonista do poema é Severino, lavrador nordestino que se desloca do interior do sertão para o litoral em busca de novas perspectivas para sua vida de miséria, fome e seca. Leia o fragmento abaixo e responda ao que se pede:

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI (fragmento)

— *O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.*

*Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria*

*como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.*

Mas isso ainda diz pouco:

*há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo*

senhor desta sesmaria.

Atividade

3

Como então dizer quem falo

ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino

da Maria do Zacarias,

lá da serra da Costela,

limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:

se ao menos mais cinco havia

com nome de Severino

filhos de tantas Marias

mulheres de outros tantos,

já finados, Zacarias,

vivendo na mesma serra

magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos

iguais em tudo na vida:

na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,

no mesmo ventre crescido

sobre as mesmas pernas finas

e iguais também porque o sangue,

que usamos tem pouca tinta.

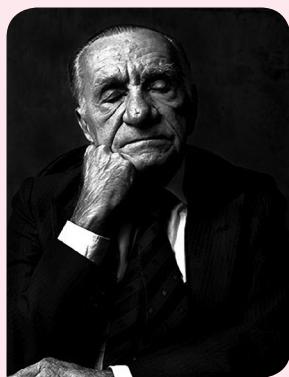
Atividade
3

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias

e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

- a. Há, nesse fragmento e em todo o poema, um jogo entre o substantivo *Severino* e o adjetivo *Severina*. Explique-o.
- b. João Cabral levanta, nesse fragmento, alguns problemas sociais típicos do Nordeste. Comente dois desses problemas, retirando elementos do próprio texto.
- c. Você diria que o problema fundamental do Nordeste é a seca? Justifique sua resposta.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:JoaoCabral.JPG>.

João Cabral de Melo Neto (1920 — 1999): poeta e diplomata. Sua obra poética caracterizada pelo rigor estético inaugurou uma nova forma de fazer poesia no Brasil.

É uma poesia que causa algum estranhamento a quem espera uma poesia emotiva, pois seu trabalho é basicamente cerebral, buscando uma poesia construtivista e comunicativa, objetiva. Ele busca uma construção elaborada e pensada da linguagem e do dizer da sua poesia, transformando toda a percepção em imagem de algo concreto e relacionado aos sentidos. Algumas palavras são usadas sistematicamente na poesia deste autor: cana, pedra, osso, esqueleto, dente, gume, navalha, faca, foice, lâmina, cortar, esfolado, baía, relógio, seco, mineral, deserto, asséptico, vazio, fome. Coisas sólidas e sensações táteis: uma poesia do concreto.



Saiba Mais

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Atividade

3

Seção 5

Literatura contemporânea: uma nova ruptura

Em 1964, com o Golpe Militar, o Brasil recebe um ciclo de presidentes militares, eleitos indiretamente. Até 1968, a atividade cultural ainda se mantém dinâmica, mas com a decretação do Ato Institucional N° 5 (AI-5) e a instituição da censura prévia, muitos artistas e intelectuais são obrigados a deixar o país. Embora autores das fases anteriores continuassem produzindo, houve uma ruptura. Algumas das manifestações dessa ruptura foram tão radicais que nos fazem lembrar a geração de 22. Muitas são as tendências que marcam a literatura contemporânea brasileira. Vamos conhecer, aqui, algumas delas e seus representantes. Muitos desses nomes você conhece, estão aí produzindo poesia, música etc:

- Concretismo: Surge em 1956, com a publicação da revista *Noigrandes*. Esse movimento radicalizou a proposta de valorização da forma na poesia, incorporando a ela os signos da sociedade moderna. Foi representado e idealizado por Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.
- Neoconcretismo: Em consonância com as propostas dos artistas plásticos Hélio Oiticica e Lygia Clark, surge como desdobramento do Concretismo. Esse movimento foi fundado por Ferreira Gullar que propunha a necessária participação (interação) do leitor na construção do texto.
- Poema-processo: Coloca em segundo plano o signo verbal, em detrimento dos signos gráficos. Surgiu em 1967 e foi idealizado por Wlademir Dias-Pino.
- Poesia política: No contexto do golpe militar de 1964, surge uma poesia engajada e política, representada, entre outros, por Ferreira Gullar, Tiago de Melo e Geir Campos.
- Poesia marginal: Surgiu na década de 1970, marcada pela “publicação alternativa” das obras e pela temática do humor e da irreverência em relação às grandes questões da época. São seus representantes: Chacal, Charles, Ledusha, Ronaldo Bastos, Cacaso, Francisco Alvim, Glauco matoso, Roberto Piva, entre outros.
- Prosaísmo: Manuel de Barros e Adélia Prado se diferenciaram por criar uma literatura marcada pela expressão lírica muito particular de seus mundos, seja pela reinvenção das palavras, pela valorização do prosaico, pela exigência do exercício diferenciado do olhar do leitor.
- Outros poetas: Destacam-se, na denominada “poesia independente” e na produção contemporânea, Paulo Leminski e seus haicais (forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade), Ana Cristina César, Alice Ruiz, Antônio Cícero, José Paulo Paes, além de Eucanã Ferraz, Frederico Barbosa e Arnaldo Antunes.

Que tal, através de alguns exercícios, tomarmos contato com essa poesia produzida nos últimos anos?

1. Ferreira Gullar vivenciou uma fase da sua criação poética marcada pela participação política. Leia o fragmento do poema Não há vagas e observe o que se pede:

O preço do feijão
não cabe no poema. O preço
do arroz
não cabe no poema.
(...)
Só cabem no poema
o homem sem estômago
a mulher de nuvens
a fruta sem preço
O poema, senhores,
não fede
nem cheira

- Repare que esse texto tem um tom de polêmica. A quem se dirige a voz que fala no poema? Justifique sua resposta com elementos do texto.
- Que tipo de linguagem o autor imita com o tom eloquente desse fragmento?
- De acordo com o texto, o que cabe e o que não cabe no poema? Explique.
- Na sua opinião, por que o eu poético afirma que o poema “não cheira nem fede”?



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Ferreira_Gullar_crop.png.

Ferreira Gullar (1930): poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista e ensaísta. Participou do movimento da poesia concreta, sendo então um poeta extremamente inovador, escrevendo seus poemas, por exemplo, em placas de madeira, gravando-os. Em 1956, participou da exposição concretista que é considerada o marco oficial do início da poesia concreta, tendo se afastado desta em 1959, criando, junto com Lígia Clark e Hélio Oiticica, o neoconcretismo, que valorizava a expressão e a subjetividade em oposição ao concretismo ortodoxo. Posteriormente, ainda no início dos anos de 1960, se afastara deste grupo também, por concluir que o movimento levaria ao abandono do vínculo entre a palavra e a poesia, passando a produzir uma poesia engajada e envolvendo-se com os Centros Populares de Cultura (CPCs).

Atividade

4

Saiba Mais

2. Leia esse fragmento do poema O que a musa eterna canta, de Adélia Prado.



Cesse de uma vez meu vão desejo
de que o poema sirva a todas as fomes.

(...)

letras eu quero é para pedir emprego,
agradecer favores,
escrever meu nome completo.

O mais são as mal-traçadas linhas.

- O título desse poema retoma versos clássicos da literatura em língua portuguesa. Pesquise quais são esses versos e quem é seu autor.
- Escreva um pequeno texto que procure responder à seguinte questão essencial:
Afinal, para que servem as letras?



Adélia Luzia Prado Freitas (1936): escritora. Seus textos retratam o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características do seu estilo. O surgimento da escritora representou a revalorização do feminino nas letras e da mulher como ser pensante, tendo-se em conta que Adélia incorpora os papéis de intelectual e de mãe, esposa e dona-de-casa; por isso sendo considerada como a que encontrou um equilíbrio entre o feminino e o feminismo, movimento cujos conflitos não aparecem nos textos.

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Resumo

Como conclusão, percebemos que a primeira geração modernista, composta por jovens intelectuais brasileiros, inovou quando questiona a função da arte e a compreende como a expressão de comunicação comprometida com o homem de seu tempo, ou seja, a expressão do homem brasileiro. A segunda geração é um divisor de águas para os autores e para a poesia brasileira. Ela traz como marcas uma pesquisa lírica em profundidade, uma multiplicidade de temas e uma captação da realidade cotidiana, nunca antes exercitada. João Cabral de Melo Neto, representante da terceira geração modernista, preocupou-se em apreender a realidade aguçando a inteligência do leitor, despindo a linguagem de artifícios, buscando a exatidão. Ele nega a poesia como fruto da inspiração e a apresenta como fruto de uma construção da linguagem.

A poesia na Literatura Contemporânea caracteriza-se pelo aprofundamento da reflexão sobre a realidade e a busca de novas formas de expressão. Destaca-se, ainda a permanência da poesia concreta. A exploração do espaço em branco na folha de papel e dos recursos gráficos, a sonoridade das palavras, as relações entre significado e significante são desafios que ainda encantam poetas consagrados e jovens talentos. Críticos e especialistas, por sua vez, continuarão estudando a multiplicidade estética de nossos poemas. E você? Está encantado? Seduzido por essa produção?

Veja ainda:

- Eternamente Pagú (1787), de Norma Bengell. Elenco: Carla Camurati, Antônio Fagundes e Esther Góes.

Patrícia Galvão, a Pagú, foi musa dos intelectuais das décadas de 20 e 30 e escandalizou a burguesia com a sua maneira de ser e pensar, que fugia do convencional. O filme trata da sua atuação política, da amizade com a pintora Tarsila do Amaral e de seu romance com o escritor Oswald de Andrade, com quem teve um filho.



- Um só coração (2004). Minissérie produzida em homenagem aos 450 anos de São Paulo, Um Só Coração se passa entre 1922 e 1954, período em que a cidade se torna um grande centro econômico e cultural do país. A Semana de Arte Moderna, em 1922, a Revolução de 1924, a crise de 1929, a Revolução de 1932, a Era Vargas, os ecos do nazismo e do fascismo: esse é o contexto histórico da narrativa. Personagens reais e fictícios vivem histórias de amor, amizade, luta e conquista.
- Morte e Vida Severina (1981). Teleteatro musical dirigido por Walter Avancini, com versos de João Cabral de Melo Neto e música de

Figura 6: Patrícia Galvão na década de 30

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Pagu.jpg>

Chico Buarque. A temática está centrada na trajetória de Severino, um retirante nordestino, que abandona o sertão rumo ao litoral em busca de sobrevivência. O autor deixa claro que não fala de um só Severino, mas de um grande grupo: os retirantes nordestinos, que têm todos a mesma sina, a morte e a vida severina: 'Somos muitos Severinos, iguais em tudo na vida'. No decorrer do poema, Severino se põe a contar as durezas enfrentadas por essa gente: as jornadas para fugir da seca onde não nasce nem planta brava, em busca de terra que lhe alimente.



Atividade 1

1.

- Porque a arte, para os modernistas, deveria contemplar também elementos do cotidiano, banais da vida.
- Sugestão: Em uma ocasião, roubaram a máquina de escrever do meu irmão.

2.

- Os dois fragmentos exaltam a pátria. O de Oswald de Andrade ironiza o nacionalismo exageradamente ufanista de Gonçalves Dias, propondo um nacionalismo mais crítico quando faz referência a palmares.

3.

- Linguagem coloquial.
- Linguagem coloquial, sem o rigor da gramática.
- Elementos do cotidiano, do presente.

Você deve observar a liberdade de criação do artista através do verso livre e do abandono da pontuação. Atenção também para a presença do humor e da irreverência em todos os fragmentos.

4. a e b.

5.

- É o Recife que habita sua história: "Recife da minha infância".

- b. Há uma mistura de perspectivas: no primeiro e no segundo versos, o eu lírico revive uma cena do passado, como se fosse criança outra vez; no terceiro verso, deixa transparecer a visão crítica do adulto.
6. Sim, pois os fragmentos apresentam vocabulário e construções sintáticas simples, além de empregar palavras do seu popular.

Atividade 2

- 1.
- a. Sim. Esse anticapitalismo se manifesta nesse fragmento quando o eu lírico parece estar em descompasso com o mundo capitalista em que ele está inserido. No primeiro verso, ele se reconhece pertencente a uma determinada classe social ("minha classe") e a "algumas roupas" (valores culturais específicos dessa classe). O capitalismo é apresentado pejorativamente quando ele se refere à "rua cinzen-ta" em oposição à cor branca da roupa do eu lírico.
- b. O impasse de que fala o eu lírico nos dois últimos versos se manifesta na impossibilidade da comunicação. As "cifras" e "códigos" dificultam a comunicação e tornam inútil a sua tentativa de ser ouvido pelos "muros" que seria a surdez das pessoas.
- 2.
- a. Ele se dirige aos poetas (observe também nos versos finais citados na questão c com a finalidade de incentivá-los a cantar o mundo futuro.
- b. A cidade é o mundo futuro, idealizado como espaço de igualdade entre os homens.
- c. Sim, ele se apresenta esperançoso com a possibilidade de se viver num espaço que será de todos ("o país de todo homem").
3. Numa linguagem em que o verso e a palavra são desintegrados com o emprego de sugestões visuais, rupturas sintáticas e ausência de pontuação.
4. Os dois últimos versos do fragmento.

5.

- a. O funcionário responsável por iluminar a cidade não dispõe desse recurso na sua casa.
- b. O papel da mulher negra na estrutura familiar tradicional dos grandes proprietários rurais, sexualmente usada pelo senhor.
- c. A mesma resposta anterior.

6.

- a. Musicalidade obtida por meio de repetições sonoras.
- b. "Ah! tudo bolhas / que vêm de fundas piscinas / de ilusionismo ... – mais nada".

Atividade 3

1.

- a. Dessa forma, João Cabral destaca que a vida do retirante é severina. O homem nordestino já traz incorporado no próprio nome a ideia de sofrimento, da vida árdua, da sua luta pela sobrevivência.
- b. São abordados os seguintes problemas:
 - subnutrição: "de fome um pouco por dia / (de fraqueza e de doença / é que a morte Severina / ataca em qualquer idade, / e até gente não nascida"
 - anemia: "...porque o sangue / que usamos tem pouca tinta"
 - velhice precoce: "de velhice antes dos trinta"
 - ausência de um estado de direito: "de emboscada antes dos vinte"
 - patriarcalismo: representado pelo coronel Zacarias
 - questão agrária: "o mais antigo / senhor desta sesmaria"
- c. Resposta pessoal.

Atividade 4

Respostas
das
Atividades

1.

- a. A voz que fala no poema aparentemente se dirige a uma plateia, como demonstra o vocativo “senhores” na última estrofe do fragmento.
- b. Ele imita linguagem própria dos discursos de protestos políticos.
- c. Só cabem no poema os seres que não pertencem à realidade como o homem “sem estômago”, a mulher “de nuvens”, a fruta “sem preço”. A dura realidade em que vivem a maioria das pessoas não cabe no poema, pois nele não há espaço, “não há vaga”.
- d. Resposta pessoal.

2.

- a. Os versos pertencem a *Os Lusíadas*, de Luís de Camões: “Cesse tudo o que a Musa antiga canta, / Que outro valor mais alto se elevanta.” (estrofe 3, Canto I)
- b. Resposta pessoal do aluno.

O que perguntam por aí?

1. (PUCSP) Identifique no texto abaixo as características do movimento literário a que ele pertence. Explique ao menos duas características identificadas, exemplificando com o texto.

Erro de português

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena!

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha desrido o português

Resposta: Modernismo. Apresenta linguagem coloquial, versos livres, revisão da História do Brasil, ironia.

2. (ENEM)

"Eu começaria dizendo que poesia é uma questão de linguagem. A importância do poeta é que ele torna mais viva a linguagem." Carlos Drummond de Andrade escreveu um dos mais belos versos da língua portuguesa com duas palavras comuns: cão e cheirando.

Um cão cheirando o futuro.

Entrevista com Mário Carvalho. *Folha de São Paulo*, 24.05.1988. Adaptação.

Indique o que deu ao verso de Drummond o caráter de inovador da língua.

- O modo raro como foi tratado o "futuro".
- A referência ao cão como "animal de estimação".
- A flexão pouco comum do verbo "cheirar" (gerúndio).

- d. A aproximação não-usual do agente citado e a ação de “cheirar”.
- e. O emprego do artigo indefinido “um” e do artigo definido “o” na mesma frase.

Resposta: letra a. A forma inusitada de apresentar o futuro como algo a ser “cheirado” por um cão.

3. (UFMG) Sobre o adjetivo *Severina*, da expressão *Morte e vida Severina* que intitula a peça de João Cabral de Melo Neto, todas as afirmativas estão certas, **exceto:**

- a. Refere-se aos migrantes nordestinos que, revoltados, lutam contra o sistema latifundiário que oprime o camponês.
- b. Pode ser o sinônimo de vida árida, estéril, carente de bens materiais e de afetividade.
- c. Designa a vida e a morte dos retirantes que a seca escorraça do sertão e o latifúndio escorraça da terra.
- d. Qualifica a existência negada, a vida daqueles seres marginalizados determinada pela morte.
- e. Dá nome à vida de homens anônimos, que se repetem física e espiritualmente, sem condições concretas de mudança.

Resposta: letra a. Refere-se à vida sofrida do retirante nordestino que sofre sem lutar contra a situação que o oprime.

4. (Um-SP) A Poesia Concreta, lançada oficialmente em 1956, com a Exposição Nacional de Arte Contemporânea, realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo, teve três poetas que iniciaram tal experiência. São eles:

- a. Augusto dos Anjos, Haroldo de Campos e Oswald de Andrade.
- b. Alberto de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos.
- c. Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos.
- d. Oswald de Andrade, Décio Pignatari e Augusto de Campos.
- e. Augusto dos Anjos, Alberto de Campos e Haroldo de Campos.

Resposta: letra c. Foram eles representantes e idealizadores do Concretismo.

Atividade extra

A poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea

Texto 1: Princípio

No princípio era sol solsol
O Amazonas ainda não estava pronto
As águas atrasadas
derramavam-se em desordem pelo mato

O rio bebia a floresta

Depois veio a Cobra Grande Amassou a terra elástica
e pediu para chamar sono
As árvores enfastiadas de sol combinaram silêncio
A floresta imensa chocando um ovo

Cobra Grande teve uma filha. Ficou moça
Um dia
ela disse que queria conhecer homem
Mas não encontraram rastro de homem

Então
começaram a adivinhar horizontes
e mandaram buscar de muito longe um moço

Ai! que houve festa na floresta!

Mas a filha da Cobra Grande não queria dormir com o noivo

porque naquele tempo não havia noite

A noite estava escondida atrás da selva

dentro de um caroço de tucunã

Ah! então vamos buscar o tucumã

pra dar de presente de casamento

Veio o Sapo Jabuti veio também

O Cameleão estava esperando sono

A Onça não pôde vir porque tinha emprestado os sapatos

Andaram Andaram

As vozes iam na frente procurando caminho

Desembarcavam árvores Raízes furavam a lama

a floresta crescia

Chô que depois de muito andar chegaram

- Esta é que é a noite?

- Será mesmo a noite?

- Ah! não acredito

Então vamos espiar o que tem dentro

Quando abriram o caroço

houve um estouro imenso

que cobriu tudo de escuro

A floresta inchou
Árvores sairam correndo
Um pedaço da noite entrou na barriga do Sapo.

Então
a filha da Cobra Grande pôde fazer dormezinho com o noivo.

In. *Cobra Norato e outros poemas*. 13^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p.93-94.

Texto 2:

Água, s.f.

Da água é uma espécie de remanescente quem já
incorreu ou incorre em concha
Pessoas que ouvem com a boca no chão seus
rumores dormidos pertencem das águas
Se diz que no início eram somente elas
Depois é que veio o murmúrio dos **corgos** para dar
testemunho do nome de Deus

(BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Record, 1998.)

Corgo

s.m. córrego

Questão 1 (UFMT 2006)

O poema PRINCÍPIO filia-se à vertente antropofágica do Modernismo Brasileiro. Assinale a afirmativa que comprova essa filiação.

- A. O primitivo e a floresta são apresentados como elementos da gênese da cultura brasileira, privilegianto-se territórios ainda inexplorados, como o amazônico.

- B. Os versos apresentam métrica e rimas regulares, adequadas a representar um mundo pronto e ordenado.
- C. O poema, de fundo dissertativo, propõe uma reflexão sobre a importância da civilização clássica.
- D. O tom exclamativo e o ritmo declamatório do poema preveem uma leitura grandiloquente.
- E. A diferenciação e a hierarquização entre o erudito e o popular são definitivas, o poema é uma mescla de referências à literatura importada.

Questão 2 (UFMT 2006)

Raul Bopp construiu, mediante o uso de imagens, um poema que tematiza um processo. Cada alternativa apresenta uma imagem retirada do texto e uma interpretação para ela. Assinale a interpretação NÃO comprovada no texto.

- A. Depois veio a Cobra Grande. (linha 6) > A antropomorfização indica o surgimento dos primeiros habitantes de um universo.
- B. A floresta imensa chocando um ovo! (linha 9) > A fecundação indica a fixação da vida nesse universo.
- C. Ah! então vamos buscar o tucumã/prá dar de presente de casamento. (linhas 22 e 23) > O deslocamento é sinal de busca de realização de sonhos e desejos, de transformação do universo.
- D. Desembarcavam árvores. Raízes furavam a lama. (linha 29) > A imagem de pântano, de regiões alagadas, aponta as dificuldades, os elementos de oposição ao novo.
- E. Então/a filha da Cobra Grande pôde fazer dormezinho com o noivo. (linhas 42 e 43) > A possibilidade de unir e procriar revela a reiteração infinita do processo de criação.

Questão 3 (UFMT 2006)

A respeito da construção dos dois poemas, analise as afirmativas abaixo.

- I - Os poetas ignoram as manifestações de língua oral e coloquial em sua escritura.
- II - Os poemas apresentam construções linguísticas e imagéticas que quebram a lógica comum, comprovando a influência surrealista.

III - Nos dois poemas, a água metaforiza a origem, o elemento que possibilita o surgimento da vida.

IV - Ambos os poemas fazem referência ao divino, Manoel de Barros o faz de forma explícita e Bopp, pelo diálogo com a passagem bíblica: "No princípio, era o Verbo".

São corretas as afirmativas

- A. I, II, III e IV.
- B. I, II e IV, apenas.
- C. II e III, apenas.
- D. III e IV, apenas.
- E. II, III e IV, apenas.

Questão 4 (UFMT 2006)

Quanto ao emprego de recursos expressivos no poema PRINCÍPIO, assinale a afirmativa correta.

- A. Em .Ah! não acredito. (linha 34), o sentido das duas frases anteriores é retomado pelo mecanismo da elipse.
- B. Em No princípio era sol solsol. (linha 1), a repetição lexical enfatiza a presença de altas temperaturas.
- C. Em Depois veio a Cobra Grande. (linha 6) e Então/começaram a adivinhar horizontes (linhas 14 e 15), os conectores têm a função argumentativa de alternar ações.
- D. Em fazer dormezinho com o noivo. (linha 43) e em buscar de muito longe um moço. (linha 16), as palavras sublinhadas remetem a pessoas diferentes.
- E. Na última estrofe, o conector então é vazio de significado por constituir isoladamente um verso.

Questão 5

Sobre o texto 2, de Manoel de Barros, está correta a afirmação:

- A. o poeta faz uma denúncia sobre a seca na região, mostrando os dissabores da falta de água no planeta.

- B. segundo o poema, a água é a origem de todas as coisas e necessária para a vida.
- C. o emprego de construções sintáticas complexas aponta para uma oralidade no texto.
- D. o título do texto apresentado como um verbete de dicionário está desconectado do tema do poema.
- E. o poema apresenta uma reflexão sobre o desequilíbrio ecológico do planeta causado pelo ser humano.

Gabarito

Questão 1

- A B C D E
-

Comentários: Na letra B, métrica e rimas regulares não correspondem às características estéticas do Modernismo, mas sim de outras estéticas, como Arcadismo, Parnasianismo e Simbolismo.

Na letra C, o texto é poético, subjetivo e narra uma história; portanto, não pode ser dissertativo, mas apresenta um fundo narrativo.

A letra D está incorreta porque não há grandiloquência no texto.

Em E, o poema é genuinamente brasileiro, inclusive pelo cenário típico das florestas brasileiras e da presença do povo indígena.

Questão 2

- A B C D E
-

Comentário: a imagem apresentada não é a de um pântano, mas a de uma floresta tipicamente brasileira.

Questão 3

- A B C D E
-

Comentário: A afirmação 1 está incorreta, porque, nos textos, os autores privilegiam a linguagem coloquial.

Questão 4

- A B C D E
-

Comentários: Em A, note que as perguntas anteriores foram omitidas da enunciação, por isso, elipse. Subentende-se: Ah! Não acredito nisso - - Esta é que é a noite?/ - Será mesmo a noite?

Questão 5

- A B C D E
-

Comentários: Os dois últimos versos reforçam o tema do poema: a água como a origem do mundo e da vida.

Nas demais opções, estão grifadas as incoerências das afirmações em relação ao poema:

- a. o poeta faz uma denúncia sobre a seca na região, mostrando os dissabores da falta de água no planeta.
- c. o emprego de construções sintáticas complexas aponta para uma oralidade no texto.
- d. o título do texto apresentado como um verbete de dicionário está desconectado do tema do poema.
- e. o poema apresenta uma reflexão sobre o desequilíbrio ecológico do planeta causado pelo ser humano.

de características de
uma cena, uma situação;
ou ainda o texto descreve
análise, piada, humor, etc.
e, ouve, sente, percebe, vê-se
num livro didático, numa revista de
relatório etc.

'Alguns elementos estéticos do Texto Descritivo

Texto do tipo descritivo tem como objetivo fazer com que o leitor ou
ouvinte "visualize" ou construa mentalmente um objeto, uma pessoa,
um ser, uma cena. Para isso, observe como a descrição se organiza:
numa sequência de frases e orações em que se destacam o que se
descreve (substantivos) e suas características (adjetivos e locuções
jetivas). Veja, no exemplo, como os adjetivos caracterizam a per-
sonagem de Maria:

"Sua pele clara e seus cabelos lisos destacam um sorriso
tímido e tristonho.

(O adjetivo) é caracterizada com o adjetivo "clara";
(O adjetivo) apresentam os adjetivos "tímido" e

Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa

Fascículo 14

Unidade 40

Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa

Para início de conversa...

Você já deve ter estudado sobre a poesia no Modernismo e na Literatura Contemporânea. Nesta unidade, vamos estudar a prosa nestes dois momentos.

Você tem visto e lido, na televisão e nos jornais, sobre catástrofes climáticas; o clima interferindo na vida das pessoas, das cidades e dos países, sustentabilidade etc. Manchetes e fotos como estas, a seguir, não estão tão distantes da realidade apresentada nos textos representativos desse período.

O Jornal

Seca histórica gera guerra por água no sertão do Nordeste

Já são 90 municípios em estado de emergência por causa da seca em Pernambuco



Figura 1: Vítimas da seca no Nordeste (esquerda) e Vegetação de caatinga, típica do Nordeste brasileiro (direita).

Fonte: <http://odia.ig.com.br/portal/brasil/j%C3%A1-s%C3%A3o-90-munic%C3%ADpios-em-estado-de-emerg%C3%A7%C3%A3o-por-causa-da-seca-em-pernambuco-1.441900>

Temas como cultura indígena, vida nas grandes cidades, a seca, a economia das grandes propriedades foram abordados pelos autores do modernismo, numa época em que sustentabilidade não estava ainda em pauta. A qualidade de vida nas grandes cidades atormenta os autores daquele período.

São Paulo, o Nordeste, Minas e o Sul povoarão as próximas páginas da nossa unidade. Vamos embarcar, através dos textos em prosa, para uma viagem rumo a essas terras brasileiras ao longo do século XX?

Sim? Embarque autorizado.

Objetivos da aprendizagem:

- Reconhecer a estrutura do romance modernista.
- Distinguir as principais características do romance nas diferentes fases do Modernismo e na Literatura Contemporânea.
- Reconhecer as diferentes manifestações em prosa na Literatura Contemporânea, bem como a presença da prosa poética.
- Identificar o discurso indireto livre como um dos recursos de estilo usado no período em estudo.

Seção 1

Primeira geração modernista: da Amazônia a São Paulo

Já sabemos o que acontecia no mundo e no Brasil no período compreendido entre 1922 a 1930, quando estudamos o contexto que foi pano de fundo para as primeiras manifestações modernistas relacionadas à poesia. Vejamos, então, os textos em prosa produzidos naquele contexto.

Você já conhece Mário de Andrade, que teve participação decisiva na Semana de Arte Moderna (em 1922) e nas primeiras manifestações modernistas. Ele, em toda a sua obra, lutou por uma língua brasileira que estivesse mais próxima do falar do povo, sendo comum, para ele, iniciar frases com pronomes oblíquos e empregar as formas *si*, *quasi*, *guspe* em lugar de *se*, *quase*, *cuspe*. Os brasileirismos, o folclore e a crítica social tiveram grande importância nas suas poesias, romances e contos. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* é a criação máxima de Mário de Andrade. O personagem é um **anti-herói** a partir do qual o autor enfoca o choque do índio amazônico com a tradição e a cultura europeia na cidade de São Paulo.



Figura 2: Mario de Andrade, autor de *Macunaíma*.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Mario_de_andrade_1928b.png

Anti-herói

É um personagem bem parecido com o Herói e com o Vilão ao mesmo tempo. Pois ele não pode ser definido como bom ou mau. Ele fica no limite, tem dúvidas, é passível de cometer erros. Muitas vezes eles não são ruins, às vezes são só direcionados para o lado errado.

Macunaíma nasceu “preto retinto e filho do medo da noite”, numa fazenda no interior do estado de São Paulo.^[1] Filho de uma índia “tapahumas”, Macunaíma cresceu e, até os 6 anos de idade, recusa-se a falar. “Ai! Que preguiça” foi a primeira frase dita por Macunaíma, que se divertia espiando o trabalho dos outros. Também sentia prazer em cortar a cabeça das saúvas. Não era dado a nenhum esforço e só interrompia o descanso quando “dandava para ganhar vintém”. Ficava esperto e espiava quando a família ia tomar banho no rio, todos nus. Macunaíma fica órfão. Encontra Ci, uma amazona que lhe dá um filho, que morre, e um talismã – a muiraquitã, que lhe é roubada. Sai, então, em busca do amuleto. Em São Paulo, recupera a “pedra mágica” e volta para a natureza, onde, Vei – “a deusa-do-sol”, lhe oferece uma de suas filhas em casamento. Macunaíma, no entanto, se engraça com uma portuguesa. Vei se vinga e leva Macunaíma a se envolver com uma mulher traiçoeira, que faz com que ele perca a pedra mágica, desta vez para sempre.^[1]



1. Reproduziremos a seguir um fragmento do Capítulo I, quando o personagem Macunaíma é apresentado ao leitor.



“

No fundo do mato-virgem nasceu **Macunaíma**, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia **tapanhumas** pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de **sarapantar**. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

– Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no **jirau de pa-xiúba**, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomarbanho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causados **guaiamuns** diz-que habitando a água-doce por lá. No mocambo si alguma **cunhatã** se aproximava dele pra fazer festinha, Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porem respeitava os velhos e freqüentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacororô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo.

Quando era pra dormir trepava no **macuru** pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem. Então adormecia sonhando palavras-feias, imoralidades estrambólicas e dava patadas no ar.

Nas conversas das mulheres no pino do dia o assunto era sempre as peraltagens do herói. As mulheres se riam, muito simpatizadas, falando que “espinho que pinica, de pequeno já traz ponta”, e numa pajelança Rei Nagô fez um discurso e avisou que o heróierá inteligente.

(NICOLA. José de. Literatura brasileira: das origens aos nossos dias.)

”

Macunaíma

Figura da mitologia indígena, localizada por Mário de Andrade no livro *Vom Roraima zum Orinoco*, do alemão Theodor Koch-Grünberg, que fez pesquisas junto às tribos do extremo norte brasileiro. Segundo o alemão, “o nome do mais elevado herói da tribo, Macunaíma contém como partes componentes a palavra macku, ‘mau’ e o sufixo aumentativo -ima, ‘grande’.

Tapanhumas

Nome de origem tupi designativo dos negros filhos da África que moravam no Brasil; tribo lendária de índios do Brasil, com características físicas de negros.

Sarapantar

O mesmo que espantar.

Jirau de paxiúba

Estrado de varas (jirau) feito com fibras de palmeira (paxiúba).

Guaimuns (ou guaiamuns)

Espécie de caranguejo.

Cunhatã

Moça, adolescente.

Macuru

Na Amazônia, balanço feito de pano e cipó, usado como berço.

Atividade

1

Agora, responda:

- a. Os heróis clássicos costumam ser caracterizados pelas “boas ações” praticadas. São justicieros, defendem os fracos e oprimidos, lutam para proporcionar bem estar para o próximo, para aliviar seus sofrimentos, para protegê-lo de possíveis perigos. Macunaíma corresponde a esse modelo de herói? Justifique sua resposta.
- b. Mário de Andrade mistura os mais diferentes traços culturais que influenciaram o homem brasileiro. Na frase, “numa pajelança Rei nagô...”, temos um exemplo de qual tipo de “mistura”?
- c. Mário de Andrade utiliza uma “língua brasileira”, como já foi destacado. Quais as características dessa “língua brasileira”? Retire exemplos do fragmento.

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Continuando...



Você ainda não conhece Antônio de Alcântara Machado? Ele foi um dos autores que melhor apresentou a realidade urbana em suas várias faces, tendo o imigrante, principalmente o italiano, como personagem principal.

Observador crítico, ora cômico, ora emotivo e impressionista, sua obra é um verdadeiro documento histórico de uma época em que o Brasil representava para os imigrantes a chance de prosperidade. Sua tarefa foi denunciar as verdadeiras condições a que se submetiam os que aqui chegavam pra alcançar a meta da ascensão social.

Depois de ler o fragmento de Antônio de Alcântara Machado, faça o que é pedido.

2. No fragmento a seguir, retirado do conto *A sociedade*, de sua autoria, encontramos um diálogo entre um paulistano “**quatrocentão**”, representante de uma das famílias tradicionais de São Paulo, e um ítalo-brasileiro enriquecido na indústria têxtil. Nele, o autor evidencia uma das mais importantes características de sua obra. Qual?

Quatrocentão

Termo criado, quando da celebração dos quattrocentos anos de fundação da cidade de São Paulo, em 1954, o chamado “Quarto Centenário”. Designa a elite paulista tradicional, descendente dos bandeirantes e dos colonizadores pioneiros, fundadores da cidade e demais vilas quinhentistas paulistas, constituindo-se nos responsáveis pelo desenvolvimento social, econômico, urbano e cultural dessas cidades e de outras tantas do Estado de São Paulo.

“

O capital levantou-se. Deu dois passos. Parou. Meio embaraçado. Apontou para um quadro.

- Bonita pintura.

Pensou que fosse obra de italiano. Mas era de francês.

- Francese? Não é feio non. Serve.

Embatucou. Tinha qualquer cousa. Tirou o charuto da boca, ficou olhando para a ponta acesa. Deu um balanço no corpo. Decidiu-se.

- la dimenticando de dizer. O meu filho fará o gerente da sociedade... Sob a minha direção, si capisce.

- Sei, sei... O seu filho?

- Si. O Adriano. O doutor... mi pare... mi pare que conhece ele?

(MACHADO, Antônio de Alcântara. Trechos escolhidos.)

” ”

Atividade

1

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Quem foi Antônio de Alcântara Machado?

Antônio de Alcântara Machado (1901 – 1935): jornalista, político e escritor. Apesar de não ter participado da Semana de 1922, Alcântara Machado escreveu diversos contos e crônicas modernistas, além de um romance inacabado. Uma de suas obras mais conhecidas é *Brás, Bexiga e Barra Funda*, uma coletânea de contos, publicada em 1928, que trata do cotidiano dos imigrantes italianos e dos ítalo-descendentes na cidade de São Paulo, expressando-se a narrativa numa linguagem livre, próxima da coloquial.



Seção 2

Segunda geração modernista: o romance da geração de 30

A década de 30 foi marcada por uma nova tendência do Modernismo brasileiro: a ficção regionalista voltada para o homem e sua condição socioeconômica, reforçando, assim, o compromisso social da literatura.

Os autores dos anos 30 a 45, sem a preocupação de inovação formal, desenvolveram uma literatura realista voltada principalmente para o homem nordestino.



Multimídia

Acesse o link abaixo e assista a uma aula sobre essa geração do modernismo brasileiro.

<http://www.pbvest.pb.gov.br/preview.php?id=286>

Observe as características que a prosa regionalista apresenta:

- Literatura engajada: criticar para denunciar uma questão social em busca de uma solução. Mergulho na vida das grandes cidades e denúncia das desigualdades sociais.
- Pesquisa da realidade brasileira: temática voltada para os problemas do Brasil, em geral, e nos específicos de determinadas regiões.
- Maior equilíbrio de linguagem: linguagem de caráter mais documental, adequada à necessidade de registrar a realidade do momento. Essa linguagem reproduz a fala brasileira, aproveitando o vocabulário próprio de cada região.
- Análise dos conflitos internos e da angústia do homem: prosa de sondagem psicológica.

Venha conhecer esse Brasil e esse brasileiro, retratados por essa geração que nos põe em contato com esse país pouco conhecido, multifacetado, apresentado em sua diversidade regional e cultural, mas com problemas semelhantes em quase todas as regiões: miséria, ignorância, opressão nas relações trabalhistas, as forças da natureza sobre esse brasileiro desprotegido.

Esses autores estão voltados para a realidade brasileira, mas agora com uma intenção clara de denúncia social e engajamento político. O romance regionalista de 30, unindo ideologia e análise sociológica e psicológica e novas técnicas narrativas, constitui um dos melhores momentos da ficção brasileira. Vamos a ele?

O Nordeste pede passagem e anuncia seus problemas

Na Geração de 30, destacam-se muitos autores preocupados com a seca e com os problemas sociais e políticos do Nordeste, como Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

Vamos estudar alguns desses autores?

O romance mais popular de Rachel de Queiroz é O quinze, que tem esse título devido à grande seca de 1915, vivida pela própria escritora na infância.

A narrativa enfoca duas situações: a seca e as consequências que ela traz, tanto para o vaqueiro Chico Bento e sua família, como para Vicente, que é proprietário e criador de gado. Num outro plano, é mostrada a relação afetiva entre Conceição, moça culta da capital, e Vicente, moço puro de coração, mas rude.

O fragmento abaixo retrata as dificuldades de Chico Bento e sua família durante a viagem em busca de um lugar melhor para a família viver. Leia-o e responda ao que se segue.

O quinze

“

Eles tinham saído na véspera, de manhã, da Canoa.

Eram duas horas da tarde.

Cordulina, que vinha quase cambaleando, sentou-se numa pedra e falou, numa voz quebrada e penosa:

- Chico, eu não posso mais... Acho até que vou morrer. Dá-me aquela zoeira na cabeça!

Chico Bento olhou dolorosamente a mulher. o cabelo, em falripas sujas, como que gasto, acabado, caía, por cima do rosto, envesgando os olhos, roçando na boca. A pele, empretecidia como uma casca, pregueava nos braços e nos peitos, que o casaco e a camisa rasgada descobriam.

(...)

No colo da mulher, o Duquinha, também só osso e pele, levava, com um gemido abafado, a mãozinha imunda, de dedos ressequidos, aos pobres olhos doentes.

E com a outra tateava o peito da mãe, mas num movimento tão fraco e tão triste que era mais uma tentativa do que um gesto.

Lentamente o vaqueiro voltou as costas; cabisbaixo, o Pedro o seguiu.

E foram andando à toa, devagarinho, costeando a margem da caatinga.

(...)

De repente, um bê! agudo e longo, estridulou na calma.

E uma cabra ruiva, nambi, de focinho quase preto, estendeu a cabeça por entre a orla de galhos secos do caminho, aguçando os rudimentos de orelha, evidentemente procurando ouvir, naquela distensão de sentidos, uma longínqua resposta a seu apelo.

Chico Bento, perto, olhava-a, com as mãos trêmulas, a garganta áspera, os olhos afogueados.

O animal soltou novamente o seu clamor aflito.

Cauteloso, o vaqueiro avançou um passo.

E de súbito em três pancadas secas, rápidas, o seu cacete de jucá zuniu; a cabra entonteceu, amunhecou, e caiu em cheio por terra.

Chico Bento tirou do cinto a faca, que de tão velha e tão gasta nunca achara quem lhe desse um tostão por ela.

Abriu no animal um corte que foi de debaixo da boca até separar ao meio o úbere branco de tetas secas, escorridas.

(...)

Mas Pedro, que fitava a estrada, o interrompeu:

- Olha, pai!

Um homem de mescla azul vinha para eles em grandes passadas. Agitava os braços em fúria, aos berros:

- Cachorro! Ladrão! Matar minha cabrinha! Desgraçado!

Chico Bento, tonto, desnorteado, deixou a faca cair e, ainda de cócoras, tartamudeava explicações confusas.

O homem avançou, arrebatou-lhe a cabra e procurou enrolá-la no couro.

Dentro da sua perturbação, Chico Bento compreendeu apenas que lhe tomavam aquela carne em que seus olhos famintos já se regalavam, da qual suas mãos febris já tinham sentido o calor confortante.

E lhe veio agudamente à lembrança Cordulina exâmico na pedra da estrada... o Duquinha tão morto que já nem chorava...

Caindo quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mãos juntas:

- Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! já caíram com a fome!...

- Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra.

Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

- Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais!...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa, mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo.

O homem, sem se importar com o sangue, pusera no ombro o animal sumariamente envolvido no couro e marchava para a casa cujo telhado vermelhava, lá além.

Pedro, sem perder tempo, apanhou o fato que ficara no chão e correu para a mãe.

Chico Bento ainda esteve uns momentos na mesma postura, ajoelhado.

E antes de se erguer, chupou os dedos sujos de sangue, que lhe deixaram na boca um gosto amargo de vida.

(TUFANO, Douglas. Estudos de literatura brasileira.)

” ”

a. Identifique, no texto, trechos que demonstrem:

- que Chico Bento e sua família são retirantes.
- o estado de degradação física das personagens.

Atividade

2

- b. Chico Bento, antes da seca, não era vagabundo nem bandido; era um trabalhador rural. Imagine:
- Como ele deve ter se sentido ao ser xingado pelo proprietário da cabra?
 - Porque não reagiu aos insultos?
- c. Ao ver que sua presa seria levada, Chico Bento chegou a sentir vontade de lutar por ela com sua faca, "mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo." O sertanejo, no texto, é visto como um ser resignado à sua condição ou como um ser transformador, responsável por seus próprios destinos?
- d. No fragmento anterior, como vista à condição de miséria e até de eventual violência (que acabou não se concretizando) em que vivem as personagens, como eles encaram a situação? Como fatalidade ou como resultado de políticas governamentais ou de relações sociais inadequadas?
- e. Você percebe, no texto de Rachel de Queiroz, alguma diferença entre a linguagem do narrador e a dos personagens? Comente-a.

Atividade

2

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Quem foi Rachel de Queiroz?



Saiba Mais



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Adonias_Filho,_Rachel_de_Queiroz,_Gilberto_Freyre.jpg

Rachel de Queiroz (1910 — 2003): tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga. Autora de destaque na ficção social nordestina. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Autora que demonstra preocupação com questões sociais, é hábil na análise psicológica de seus personagens.

O cotidiano dos engenhos de açúcar inspirou vários livros de José Lins do Rego. Ele mesmo classificou suas obras, de um cunho bastante pessoal, em ciclos: o da cana-de-açúcar retrata a decadência dos senhores de engenho da Zona da Mata nordestina; o ciclo do cangaço, do misticismo e da seca e o ciclo das obras independentes.

O fragmento a seguir é do livro *Menino de engenho*. Nessa obra, encontramos personagens e situações que serão retomados em todos os outros romances do ciclo da cana.

O trecho transcrito nos apresenta o engenho Santa Fé, do coronel Lula Chacon de Holanda, que aparecerá mais tarde, no romance *Fogo morto*, obra mais significativa do escritor, devido ao aprofundamento que ele faz da tensão entre o homem e seu meio.

Vamos conhecê-lo e, a seguir, responda às perguntas:

Menino do Engenho

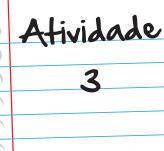
“

O Santa Fé ficava encravado no engenho do meu avô. As terras do Santa Rosa andavam léguas e léguas de norte a sul. O velho José Paulino tinha este gosto: o de perder a vista nos seus domínios. Gostava de descansar os olhos em horizontes que fossem seus.[...] Tinha mais de três léguas, de extrema a extrema. E não contente de seu engenho, possuía mais oito, comprados com os lucros da cana e do algodão. Os grandes dias de sua vida lhe davam as escrituras de compra, os bilhetes de sisa que pagava, os bens de raiz, que lhe caíam nas mãos. Tinha para mais de quatro mil almas debaixo de sua proteção. Senhor feudal ele foi, mas os seus párias não traziam a servidão como um ultraje. O Santa Fé, porém, resistira a essa fome de latifúndios. Sempre que via aqueles condados na geografia, espremidos entre grandes países, me lembrava do Santa Fé. O Santa Rosa cresceria ao seu lado, fora ganhar outras posses contornando as sua encostas. [...] Não se sentiam, porém, rivais o Santa Fé e o Santa Rosa. Era como se fossem dois irmãos muito amigos, que tivessem recebido de Deus uma proteção de mais ou uma proteção de menos. Coitado do Santa Fé! Já o conheci de fogo morto. E nada mais triste do que um engenho de fogo morto. Uma desolação de fim de vida, de ruína, que dá à paisagem rural uma melancolia de cemitério abandonado. Na bagaceira, crescendo o mata-pasto de cobrir gente, o melão entrando pelas fornalhas, os moradores fugindo para outros engenhos, tudo deixado para um canto, e até os bois de carro vendidos para dar de comer aos seus donos. Ao lado da prosperidade e da riqueza de meu avô, eu vira ruir, até no prestígio de sua autoridade, aquele simpático velhinho que era o Coronel Lula de Holanda, com seu Santa Fé caindo aos pedaços.

(TERRA, Ernani e NICOLA, José de. Gramática & literatura: para o 2º grau.)

”

- a. O romance *Menino de engenho*, de caráter memorialista, retrata a Zona da Mata nordestina num período crítico de transição.
 - Como o autor nos coloca o problema da autoridade?
 - Como são enfocadas as relações sociais?
- b. Transcreva duas passagens do texto que evidenciem a presença da herança medieval na estrutura do Nordeste brasileiro.



Lembre-se:
faça em uma
folha à parte



Figura 3: Graciliano Ramos, autor de *Vidas Secas*.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:GracilianoRamos.jpg>

Graciliano Ramos é o mais importante prosador da geração de 1930 e notabilizou-se pela síntese, pela economia no uso de advérbios e adjetivos, pela seleção precisa dos substantivos e pela ausência de sentimentalismo.

Em 1938, o autor publicou *Vidas secas*, único romance narrado em terceira pessoa. Fabiano, Sinhá Vitória, os filhos (menino mais novo e menino mais velho) e a cachorra Baleia são retirantes que procuram um lugar digno para viver e se instalaram numa fazenda abandonada.

Vítima de um processo de animalização, da impossibilidade de comunicação e dos desmandos dos mais fortes, a família sobrevive em meio à aridez do sertão nordestino.

Vamos conhecer um fragmento dessa obra-prima de Graciliano e, depois, observar alguns aspectos ligados a ela.

Vidas Secas

“

[...]

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Figura

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

[...]

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. [...] Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

_ Ladroeira.

[...]

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido: não comprehendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto.

_ Um bruto, está percebendo?

Supunha que o cevado era dele. Agora a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se desculpara, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo:

_ Quem foi que disse que eu ia brigar? O melhor é a gente acabar com isso.

Despedira-se, metera a carne no saco e fora vendê-la noutra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los."

(TUFANO, Douglas. Estudos de literatura brasileira.)

, ,

- a. Embora o texto focalize problemas do nordeste brasileiro, ele não se esgota nessa perspectiva regionalista, pois apresenta uma visão crítica das relações humanas que as torna universais. O texto mostra Fabiano em duas situações de conflito: uma com o patrão e outra com o cobrador da prefeitura. Considerando o comportamento de Fabiano, o que há em comum nas duas situações?
- b. Ainda que ignorante e temente à lei, Fabiano procura enganar o fiscal da prefeitura, safando-se da primeira multa e indo vender a carne em outro lugar. Quando flagrado, saiu-se mal. Ele tirou a conclusão correta sobre o episódio? Explique.
- c. Há, no texto, um adjetivo que se repete várias vezes com o objetivo de enfatizar a rusticidade de Fabiano, cujas reações são frequentemente associadas às de um animal? Que adjetivo é esse?
- d. Que características aproximam esse texto do de Rachel de Queiroz, extraído de *O quinze*, que você leu anteriormente?

Atividade

4



- e. Observe a seguinte passagem do fragmento: "devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco". O narrador vale-se, aqui, de um recurso em que ocorre a fusão da fala do narrador e da personagem, revelando o fluxo de consciência da personagem. Procure, no texto, duas outras passagens em que tal recurso pode ser encontrado.



Para saber mais!

Discurso indireto livre: é um tipo de discurso misto, em que se associam as características do discurso direto e do discurso indireto.

Nele, a fala do personagem se insere sutilmente no discurso do narrador, permitindo-lhe expor aspectos psicológicos do personagem, já que esse tipo de discurso pode revelar o fluxo do pensamento do personagem por meio de uma fala marcada por hesitações.

É uma forma de narrar econômica e dinâmica, pois permite "mostrar" e "contar" os fatos a um só tempo.

Fluxo de consciência do personagem: é uma técnica literária que consiste em transcrever processo de pensamento integral de um personagem, entremeado com impressões pessoais momentâneas e com associação de idéias .

- f. Leia o boxe SAIBA MAIS. Vamos ver se você consegue reconhecer quando o discurso indireto livre está sendo usado. Sublinhe os trechos nos quais podemos encontrá-lo.
- O desolado Juarez tinha perdido tudo. E agora, cadê dinheiro para comprar tudo de novo?
 - Enlameado até a cintura, Tiãozinho cresce de ódio. Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar grande!... Hei de dar conta deste danisco... Se uma cobra picasse seu Soronho... Tem tanta cascável nos pastos... Tanta urutu, perto de casa... se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raival...

Mas os bois estão caminhando diferente. Começaram a prestar atenção, es-
cutando a conversa de boi Brilhante.

(Guimarães Rosa)

- No começo pensou num bonde. Mas lembrou-se do embrulhinho branco e bem feito que trazia, afastou a ideia como se estivesse fazendo uma coisa errada. (Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)

(João Antônio)

Atividade

4

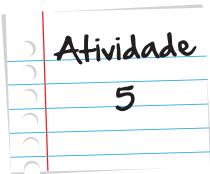
Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Bem, até aqui, você percebeu que os autores da Geração de 30 se mostram preocupados em retratar a realidade do homem nordestino diante da seca nas relações de poder nessa região, além de focalizarem o comportamento desse homem, através da análise psicológica dos personagens.

Jorge Amado, também é um autor dessa fase e tornou-se um dos mais populares escritores brasileiros, retratando a Bahia, suas tradições, religiões e seu povo.

Seus primeiros romances constituem francas denúncias e correspondem ao período de intensa participação política do autor. Na segunda fase, preocupa-se mais com os costumes ,o folclore e as relações político-sociais da região.

Que tal pesquisarmos sobre as obras de Jorge Amado?



A seguir, apresentamos o título de algumas obras de Jorge Amado. Pesquise sobre essas obras e indique o tema central que é tratado em cada uma:

- a. Terras do Sem-Fim
- b. Gabriela
- c. Capitães de Areia
- d. A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte



Jorge Amado (1912 – 2011) foi o autor mais adaptado pela televisão brasileira. Para conhecer melhor esse autor, assista ao vídeo produzido pela TV Globo como homenagem a esse autor, por época de seu falecimento. <http://www.youtube.com/watch?feature=endscreen&v=7ZZmM8vUvyA&NR=1>

E pesquise mais sobre os autores de 30 em <http://pt.scribd.com/doc/28176135/Romance-de-30>

Seção 3

Terceira geração modernista: a linguagem reinventada

A partir de 1945, uma nova geração de escritores começa a surgir no cenário da literatura brasileira, delineando uma nova etapa no Modernismo brasileiro. Esse período é denominado, por alguns críticos, como terceira fase do Modernismo e, por outros, de Pós-Modernismo.

Na segunda metade do século XX, algumas tendências se destacam na prosa brasileira. Vejamos:

- interesse na análise psicológica das personagens,

- abordagem dos problemas gerados pela tensão entre os indivíduos e o contexto social, linguagem objetiva, direta e forte, que leva o leitor a refletir sobre as misérias do cotidiano e os mecanismos de opressão do mundo.
- realismo fantástico, que expressa uma visão crítica das relações humanas e sociais, através de narrativas que transfiguram a realidade e nas quais coexistem o lógico e o ilógico, o fantástico e o verossímil.
- o regionalismo que tem a intenção de representar a realidade do interior do país, com seus tipos humanos e problemas sociais.

Muitos autores representam esse momento, sobretudo, Guimarães Rosa, autor que constitui um marco na história da prosa regionalista moderna pelo nível de elaboração estética (forma de escrever o romance e a linguagem usada) que conseguiu atingir.

Ele e Clarice Lispector serão os autores que estudaremos nessa fase do Modernismo. Vamos a eles?

1. Guimarães Rosa atinge com Grande sertão: veredas um grau nunca visto antes na literatura brasileira.

A história é narrada pelo ex-jagunço e agora fazendeiro Riobaldo, que se dirige a um interlocutor letrado e culto, que não toma a palavra em nenhum momento do romance.

O narrador-personagem relata suas aventuras pelo sertão, sua dúvida sobre a existência do diabo, com quem afirma ter feito um pacto para vencer o poderoso jagunço Hermógenes, e sua perturbadora paixão pelo companheiro Diadorim.

Os acontecimentos narrados não seguem uma ordem cronológica rígida, surgem em obediência às lembranças de Riobaldo, que só narra aquilo que mais fortemente o marcou. Outro ponto relevante é a presença da linguagem altamente estilizada de Guimarães Rosa, eliminando as barreiras entre a prosa e a poesia e conferindo ao romance múltiplos sentidos, pois o livro termina e o mistério continua, como sugere o sinal de infinito(∞) que substitui a palavra fim na última linha.

O fragmento a seguir relata o momento em que Diadorim procura Riobaldo para dizer-lhe um segredo e pedir-lhe algo. Quando conheceu Riobaldo, Diadorim se apresentou como Reinaldo. A amizade cresceu e, certo dia, essa conversa aconteceu. Veja como foi.

Atividade

6

Atividade

6

“ - Riobaldo, pois tem um particular que eu careço de contar a você, e que esconder mais não posso... Escuta: eu não me chamo Reinaldo, de verdade. Este é um nome apelativo, inventado por necessidade minha, carece de você não me perguntar por quê. Tenho meus fados. A vida da gente faz sete voltas – se diz. A vida nem é da gente...”

Ele falava aquilo sem rompante e sem entornos, mas antes com pressa, quem sabe se comtico de pesar e vergonhosa suspensão.

- “Você era menino, eu era menino... Atravessamos o rio na canoa... Nos topamos naquele porto. Desde aquele dia é que somos amigos”

Que era eu confirmei. E ouvi:

- “Pois então: o meu nome, verdadeiro, é Diadorim... Guarda este segredo. Sempre, quando sozinho a gente estiver, é de Diadorim que você deve de me chamar, digo e peço, Riobaldo...”

Assim eu ouvi, era tão singular. Muito fiquei repetindo em minha mente as palavras, modo de me acostumar com aquilo. E ele me deu a mão. Daquela mão, eu recebia a certezas. Dos olhos. Os olhos que ele punha em mim, tão externos, quase triste de grandeza. Deu a alma em cara. Adivinhei o que nós dois queríamos – logo eu disse; -“Diadorim... Diadorim!” -com uma força de afeição. Ele sério sorriu. E eu gostava dele, gostava, gostava. Aí tive o fervor e de que ele carecesse de minha proteção, toda a vida: eu terçando, garantindo, punindo por ele. Ao amis os olhos me perturbavam; mas sendo que não me enfraqueciam. Diadorim. Sol-se-pôr, saímos e tocamos dali, para o Canabrava e a Barra. Aquele dia fora meu, em pertencia. íamos por um plâinoda varjas; lua lá vinha. Alimpo de lua. Vizinhança do sertão – esse Alto-Norte brabo começava. – Estes rios têm de correr bem! eu de mim dei. Sertão é isto, o senhor sabe: tudo incerto, tudo certo. Dia da lua. O luar que pões a noite inchada.

Reinaldo, Diadorim me dizendo que este era o real nome dele – foi como dissesse notícia do que em terras longas se passava. Era um nome, ver o que. Que é que é um nome? Nome não dá: nome recebe. Da razão desse encoberto, nem resumi curiosidades. Caso de algum crime arrependido, fosse, fuga de alguma outra parte; ou devoção a um santo-forte. Mashavendo o ele querer que só eu soubesse, e que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum sem, encalço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor. Eu vinha pensando, feito toda alegria em brados pede: pensando por prolongar. Como toda alegria, no mesmo do momento, abre saudade. Até aquela – alegria sem licença, nascida esbarrada. Passarinho cai de voar, mas bate suas asinhas no chão.

(TUFANO, Douglas. Estudos de literatura brasileira.)

Responda às perguntas a seguir:

- Que segredo Diadorim contou a Riobaldo?

- b. Que pedido especial Diadorim fez a Riobaldo?
- c. Como Riobaldo se sentiu por partilhar esse segredo?
- d. Diadorim contou um segredo mas conservou outro. Você imagina qual? Procure saber e tente desvendá-lo.
- e. Destaque no fragmento exemplos de palavras e/ou expressões que caracterizem a linguagem oral.

Atividade

6

João Guimarães Rosa (1908 — 1967): um dos mais importantes escritores brasileiros de todos os tempos. Os contos e romances escritos por Guimarães Rosa ambientam-se, quase todos, no chamado sertão brasileiro. A sua obra destaca-se pelas inovações de linguagem, marcada pela influência de falares populares e regionais que, permitiu a criação de inúmeros vocábulos a partir de arcaísmos e palavras populares, invenções e intervenções semânticas e sintáticas.



Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Joaoguimaraesrosa1.jpg>



2. Em lugar de escrever histórias marcadas por enredos cheios de fatos e de reviravoltas, Clarice Lispector aborda, na sua produção, o tema do imprevisto, que rompe a expectativa do rotineiro.

A literatura dessa autora é marcada pela transgressão, pela ruptura e pela inquietação diante da automatização que amortece a vida. Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector organiza sua narrativa a partir de dois eixos: o drama de Macabéa, uma pobre moça alagoana engolida pela cidade grande, e o drama do narrador, duelando com as palavras e os fatos.

Assim, temos uma narrativa de caráter social e, ao mesmo tempo, uma profunda e angustiada reflexão sobre ato de escrever. Leia-o e, depois, responda ao que se pede.

Atividade

6

“

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. (...)

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem sabe, mesmo sem saber que sabe. Assim é que os senhores sabem mais do que imaginam e estão fingindo de sonhos.

(...)

A história – determino com falso livre-arbítrio – vai ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. Eu, Rodrigo S.M. Relato antigo, este, pois não quero ser modernoso e inventar modismos à guisa de originalidade. Assim é que experimentei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e “granfinal” seguido de silêncio e de chuva caindo.

(...)

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida.

Porque há o direito ao grito.

Então eu grito.

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócuia, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – também eu não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode lacrimejar piegas.

(LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela.)

”

- a. Considerando que Clarice Lispector sempre foi vista como uma escritora intimista, que faz sondagem do mundo interior, qual o motivo do seu pudor ao escrever, de acordo com o fragmento?
- b. Transcreva uma passagem do texto que exemplifica a ideia de que A hora da estrela é uma narrativa que foge ao perfil intimista de sua autora.

- c. Em “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina”, a autora indica a motivação pela qual escreve. Que outra passagem do texto reforça essa motivação? Que tipo de motivação se trata?

Atividade
6

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Clarice Lispector (1920 — 1977)

Escritora e jornalista, nascida na Ucrânia e naturalizada brasileira. É o principal nome de uma certa tendência intimista da nossa moderna literatura. O principal eixo da sua obra é o questionamento do ser, o “estar-no-mundo”, a pesquisa do ser humano, o que resulta no chamado romance introspectivo.

A autora manifesta, também, uma preocupação muito grande com aquilo que não está escrito em palavras, mas sim nas entrelinhas.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Clarice_Lispector.jpg

Saiba Mais

Seção 4 **Literatura contemporânea: cada um por si**

No fim da década de 1950 e início da de 1960, a renovação dos meios de expressão, pautada numa pesquisa em torno da linguagem, convive com as outras manifestações que dão continuidade às pesquisas da geração de 45.

Esse é o momento em que a Bossa Nova e o Cinema Novo ganham seu espaço. Com a ditadura e o fechamento político do país imposto pelo AI-5, em 1969, e com a onda de censura, prisões e exílios, a produção artística como um todo sofre um refluxo.

A partir daí, há uma dispersão cultural, que tem como consequência o aparecimento de valores individuais em lugar de movimentos artísticos organizados. Esse quadro tem se mantido até o início do século XXI.



Saiba Mais

A Bossa Nova e o Cinema Novo

Bossa Nova: A palavra ‘bossa’ era um termo da gíria carioca que, no fim dos anos cinquenta, significava ‘jeito’, ‘maneira’, ‘modo’. Quando alguém fazia algo de modo diferente, original, de maneira fácil e simples, dizia-se que esse alguém tinha ‘bossa’.

E a expressão ‘Bossa Nova’ surgiu em oposição a tudo o que um grupo de jovens achava superado, velho, arcaico, antigo. E o que, exatamente, desagradava a esses jovens?

A tristeza e melancolia das letras, a repetição dos ritmos ‘abolerados’ e dos ‘sambas-canção’; era tudo a mesma coisa. Sim, e daí?

Daí é que algo tinha de ser feito. Diferentes harmonias, poesias mais simples, novos ritmos. Ritmo é batida, como do relógio, do pulso, do coração.

Cinema Novo: Foi o movimento cinematográfico brasileiro, influenciado pelo Neorealismo italiano e pela “Nouvelle Vague” francesa, com reputação internacional. Um grupo de jovens frustrados com a falácia das grandes companhias cinematográficas paulistas resolveu lutar por um cinema com mais realidade, mais conteúdo e menor custo. Foi nascendo o chamado Cinema Novo.

O que esses jovens queriam era a produção de um cinema barato, feito com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Os filmes seriam voltados à realidade brasileira e com uma linguagem adequada à situação social da época. Os temas mais abordados estariam fortemente ligados ao subdesenvolvimento do país.

A ficção brasileira, a partir de então, consolida a tendência de abandonar a abordagem realista. A visão de um mundo complexo e fragmentado manifestou-se na prosa de ficção com a ruptura da narrativa linear e totalizante e com a construção de uma narração desordenada, fragmentária, sem um foco narrativo claramente definido.

Nesse período, a crônica e o conto, mais do que a poesia, ganharam novos representantes. No conto, destacam-se: Dalton Trevisan, Domingos Pellegrini Jr., Lígia Fagundes Teles, Nelida Piñon e Rubem Fonseca.

A crônica é amplamente difundida em jornais e revistas semanais revelando ou confirmando autores como Luís Fernando Veríssimo, Jô Soares, Marcos Rey, Walcyr Carrasco, Moacyr Scliar, Carlos Heitor Cony, entre outros.



Multimídia

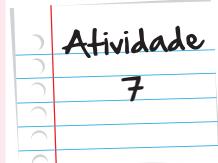
Pesquise sobre os autores da Literatura Contemporânea. Acesse o site <http://educaterra.terra.com.br/literatura/litcont/2005/03/01/002.htm>

E assista ao vídeo em que vários estudiosos discutem sobre a Literatura Contemporânea, uma produção do Projeto Conexões Itaú Cultural, com o tema Pesquisar a Literatura Brasileira Contemporânea – Padecer no Paraíso? Acesse <http://www.youtube.com/watch?v=JZ7qmkDiJzQ>

O romance desdobra-se em diferentes linhas, como o romance policial, o psicológico, o histórico e o memorialista e, entre seus representantes, podem ser citados: Antônio Calado, Josué Montello e José Cândido de Carvalho, João Ubaldo Ribeiro, Márcio de Souza, Roberto Drummond, Ana Miranda e Rubem Fonseca. Vamos conhecer dois desses autores?

1. Leia o fragmento a seguir. Em *A estrutura da bolha de sabão*, Lygia Fagundes Telles estabelece uma relação de semelhança entre a bolha de sabão e o amor. Justifique essa afirmação.

“ “



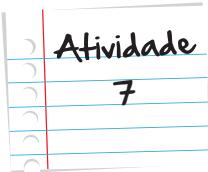
Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer, a estrutura” – ele repetia eabria a mão branquíssima ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seugesto impreciso, porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólidanem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha desabão, comprehende?” Não o comprehendia. Não tinha importância. Importanteera o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro,quando cortava os mais tenros, que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas. Uma de cada vez. Amor calculado, porque, se me afobava, o sopro desencadeava o processo e um delírio de cachos escorriam pelo canudo e vinham rebentar naminha boca, a espuma descendendo pelo queixo. Molhando o peito. Então eu jogava longe canudo e caneca. Para recomeçar no dia seguinte, sim, as bolhas desabão. Mas e a estrutura? “A estrutura” – ele insistia. E seu gesto delgado deenvolvimento e fuga parecia tocar mas guardava distância, cuidado,cuidadinho, ô! a paciência. A paixão.

No escuro eu sentia essa paixão contornando sutilíssima meu corpo. Estou me espiritualizando, eu disse e ele riu fazendo fremir os dedos-asas,a mão distendida imitando libélula na superfície da água mas sem se comprometer com o fundo, divagações à flor da pele, ô! amor de ritual sem sangue.Sem grito. Amor de transparências e membranas, condenado à ruptura.(...)

TELLES, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*.

” ”

2. Um dos principais representantes da ficção urbana é Rubem Fonseca, cujo livro de contos *Feliz ano novo* foi censurado logo depois de sua publicação. Leia o fragmento a seguir e, depois, faça o que se pede.



“

(...)

Zequinha chupou ar fingindo que tinha coisas entre os dentes. Acho que ele também estava com fome.

Eu tava pensando a gente invadir uma casa bacana que tá dando festa. O mulherio tá cheio de jóia e eu tenho um cara que compra tudo que eu levar. E os barbados tão cheios de grana na carteira. Você sabe que tem anel que vale cinco milhas e colar de quinze, nesse intruja que eu conheço? Ele paga na hora.

O fumo acabou. A cachaça também. Começou a chover.

Lá se foi a tua farofa, disse Pereba.

Que casa? Você tem alguma em vista?

Não, mas tá cheio de casa de rico por aí. A gente puxa um carro e sai procurando.

[...]Puxamos um Opala. Seguimos para os lados de São Conrado. Passamos várias casas que não davam pé, ou tavam muito perto da rua ou tinham gente demais. Até que achamos o lugar perfeito. Tinha na frente um jardim grande e a casa ficava lá no fundo, isolada. A gente ouvia barulho de música de carnaval, mas poucas vozes cantando. Botamos as meias na cara. Cortei com a tesoura os buracos dos olhos. Entramos pela porta principal.

Eles estavam bebendo e dançando num salão quando viram a gente.

É um assalto, gritei bem alto, para abafar o som da vitrola. Se vocês ficarem quietos ninguém se machuca.

(...)

Você aí, levante-se, disse Zequinha. O sacana tinha escolhido um cara magrinho, de cabelos compridos.

Por favor, o sujeito disse, bem baixinho.

Fica de costas para a parede, disse Zequinha.

Carreguei os dois canos da doze. Atira você, o coice dela machucou o meu ombro. Apóia bem a culatra senão ela te quebra a clavícula.

Vê como esse vai grudar. Zequinha atirou. O cara voou, os pés saíram do chão, foi bonito, como se ele tivesse dado um salto para trás. Bateu com estrondo na porta e ficou ali grudado. Foi pouco tempo, mas o corpo do cara ficou preso pelo chumbo grosso na madeira.

(FONSECA, Rubem. Feliz ano novo.)

”

- a. Ainda, levando em conta esse trecho, é possível considerá-lo a reprodução de uma fala real? Por quê?

- b. Por que o autor teria preferido não usar travessões para indicar os diálogos?

Atividade

7

Lembre-se:
faça em uma
folha à parte

Finalizando, observamos que o Modernismo representou um rompimento dos autores com o estilo acadêmico e o tradicionalismo cultural no Brasil. Os modernistas da primeira fase adotaram uma postura radical e destrutiva em suas produções artísticas sem, contudo, se distanciar da realidade brasileira.

Com certeza, você já se reconheceu em um conto ou crônica. Teve aquela impressão: parece que sou eu, isso já aconteceu comigo, já me senti assim. Já? Caso contrário, comece agora, saia em busca dessa literatura que agora diz respeito a você.

Resumo

Ao longo dessa unidade você estudou a literatura do período modernista e foi apresentado aos seguintes aspectos:

- Os romancistas de 1930 investigaram as relações sociais, denunciando a fome, a seca, a miséria, a ignorância e a opressão, sobretudo do homem nordestino.
- Embora com propostas diversas, a partir da década de 40, surgiu em nosso país, uma geração de escritores marcada pela experimentação e pela pesquisa estética. A partir daí, a literatura contemporânea brasileira é marcada por várias tendências.
- Para retratar o século XXI, a literatura, em geral, tem abandonado a linearidade narrativa (estruturada em início, meio e fim) e proposto uma escrita fragmentada, com destaque para a crônica e o conto, que incorporam os assuntos do momento: violência urbana, os desencontros e tudo que acontece no universo em que vivemos.

- Nas literaturas modernista e contemporânea não temos mais aqueles temas e assuntos distantes da nossa realidade; agora, os temas se aproximam de nós, fazem parte do nosso cotidiano.

Veja ainda:

1. A TV ESCOLA tem um programa com o nome MESTRES DA LITERATURA em que, em episódios, narra a vida de vários autores, como Graciliano Ramos. Acesse o site: http://tvescola.mec.gov.br/index.php?item_id=1347&option=com_zoo&view=item
2. O cinema, desde 1963-64, com o movimento do Cinema Novo, tem se dedicado, com excelentes resultados, à adaptação de várias obras literárias brasileiras, como as que você estudou nessa unidade. Para visualizar fotos e vídeos, bem como ter acesso a informações sobre produções e elencos de algumas das grandes obras que citamos nesta aula, você pode acessar o site <http://memoriaglobo.globo.com/>

Referências

Livros

NICOLA, José de. **Literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. São Paulo : Scipione, 1998.

TERRA, Ernani e NICOLA, José de. **Gramática & literatura**: para o 2º grau, volume único, curso completo. São Paulo: Scipione, 1993.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo : Moderna, 1995.

Atividade 1

1.

- a. Não. ele é preguiçoso, interesseiro, implicante e imoral.
- b. Pajelança é um ritual indígena e Rei Nagô é uma figura africana.
- c. “Língua brasileira” é a língua falada pelo povo e que não segue uma gramática oficial (a norma culta), mas sim uma gramática natural. Exemplos do texto: “Olhe, mano Jiguê, branco você ficou não...”, “si”, “guspia”.

2. O desejo de alcançar ascensão social.

Respostas
das
Atividades

Atividade 2

Questão 1a.

- Eles tinham saído na véspera, de manhã, de Canoa”, / “E foram andando à toa, devagarinho.”
- “Cordulina que vinha quase cambaleando”; “o Duquinha, também só osso e pele”, entre outros.

Questão 1b.

- Humilhado, pois não era ladrão, roubava por necessidade.
- Reconheceu as razões do homem e por pensar na família.

Questão 1c.:Resignado. Chico Bento sente-se sem ânimo para lutar contra sua sorte.

Questão 1.D:Como fatalidade, não há nenhuma referência a fatores de ordem social, também responsáveis pela condição das personagens.

Questão 1E:Na fala dos personagens, destacam-se as expressões e os modismos populares: “zoeira”, “taquinho”. Já o narrador utiliza uma linguagem dentro dos padrões cultos.

Atividade 3

**Respostas
das
Atividades**

a.

- A quantidade de terra garantia a José Paulino a autoridade que ele exercia na região.
- José Paulino tinha quatro mil pessoas sob sua proteção, mas eles não se sentiam escravizadas por ele.

b. “Herdara o Santa Rosa pequeno, e fizera dele um reino...” e “Senhor feudal ele foi ...”

Atividade 4

- a. Submissão. Os índices são vários: “o chapéu varrendo o tijolo”; o sair de costas, tropeçando nas esporas das botas; a retratação diante do patrão, mesmo sabendo ter razão, o “espinhaço curvo” etc. São situações em que Fabiano está sendo ludibriado e roubado. Em ambos os casos, ele tenta defender-se, mas não consegue.
- b. Não. Fabiano concluiu que era perigoso criar porcos e não que deveria tirar a licença, ou vender a mercadoria de maneira mais discreta, fugindo do fiscal.
- c. Um poder inquestionável, que está acima de tudo.
- d. O aluno deve perceber que os dois textos, além de se voltarem para a problemática da seca, denunciam a exploração do homem do povo, do trabalhador humilde, que sofre nas mãos dos poderosos.
- e. São elas: “achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda”; “Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza”.
- f. Observe que não há delimitação gráfica nem verbos que introduzem as palavras do autor e as palavras dos personagens: “E agora, cadê dinheiro para comprar tudo de novo?”; “Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar

grandel!... Hei de dar conta deste danisco... Se uma cobra picasse seu Soronho... Tem tanta cascável nos pastos... Tanta urutu, perto de casa... se uma onça comesse o carreiro, de noite... Um onção grande, da pintada... Que raiva!...”; “(Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)”.

Respostas
das
Atividades

Atividade 5

- a. **Terras do Sem-Fim:** Dois poderosos proprietários rurais disputam a última reserva de mata nativa onde estão as terras mais férteis para o plantio de cacau. Os Ba-darós e Horácio Silveira disputam na Justiça, na política e nas armas o domínio da região de Tabocas, atual Itabuna.
- b. Gabriela, Cravo e Canela: A obra é um retorno ao chamado ciclo do cacau, ao citar o universo de coronéis, jagunços, prostitutas e trambiqueiros de calibre variado que desenham o horizonte da sociedade cacaueira.
- c. Capitães de Areia: O livro retrata a vida de um grupo de menores abandonados, chamados de “Capitães da Areia”, ambientado na cidade de Salvador dos anos 30.
- d. A Morte e a Morte de Quincas Berro D’Água: O livro conta a história de Joaquim Soares da Cunha, respeitável cidadão casado e com filhos, que leva uma vida pacata de funcionário público. Porém, o personagem resolve mudar seu destino: abandona a família para viver como um vagabundo, entregando-se aos vícios mundanos, especialmente a bebida, quando recebe o apelido de Quincas Berro D’água.

Atividade 6

- a. **Espanhol devido à proximidade com países de colonização espanhola.**
- b. “... a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas.” A descrição ressalta as características viris da personagem.

Atividade 7

1.

- a. Seu verdadeiro nome.
- b. Que Riobaldo, quando estivessem sozinhos, usasse o verdadeiro nome de Diadorim.
- c. Orgulhoso.
- d. Espera-se que o aluno descubra que Diadorim era uma mulher, segredo que Riobaldo
- e. só descobriu depois da morte da personagem.
- f. Repetição de palavras (“vida”, “gente”, “gostava”, “amizade”), termos do falar sertanejo (“careço”, “tico”, “modo de”, “tocamos”) e frases truncadas (“Deu alma em cara”, “eu de mim dei”, “tudo incerto, tudo certo”).

2.

- a. O seu pudor ao escrever relaciona-se ao fato de invadir o leitor com uma narrativa “tão exterior e explícita”, ou seja, uma narrativa aparentemente “realista” em oposição ao “intimismo”, sua característica marcante.
- b. “Assim é que experimentei contra os meus hábitos uma história com começo, meio e ‘granfinalé’, seguido de silêncio e chuva caindo
- c. “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu (...) o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito”. A autora escreve para denunciar a existência de uma vida anônima e massacrada e, por meio dela, a desigualdade social.

Atividade 8

1. Assim como a bolha de sabão é feita de “película e oco”, o amor é feito de “transparências e membranas”. Ambos, frágeis, são condenados à ruptura.
 - a. No texto, significa receptador de objetos furtados.

- b. Trata-se da fala de uma personagem que apresenta marcas da oralidade que emprestam verossimilhança ao conto.
- c. É provável que esse recurso tenha sido usado porque, ao mesmo tempo que empresta agilidade ao texto, causa uma certa tensão no leitor pela imprecisão momentânea que cria, e, desse modo, o transporta para a situação narrada.

Respostas
das
Atividades



O que perguntam por aí?

(ENEM)

[...] A velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para meninada. [...] andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das histórias de Mil e Uma Noites [...] era uma grande artista para dramatizar. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando pedaços de prosa, como notas explicativas. [...] Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e força e adivinhações. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era acor local que ela punha nos seus descriptivos. [...] Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco.

José Lins do Rego. *Menino de engenho*.

A cor local que a personagem velha Totonha colocava em suas histórias é ilustrada, pelo autor, na seguinte passagem:

"O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco".

"Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e força e adivinhações".

"... era uma grande artista para dramatizar. Tinha uma memória de prodígio".

"... andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das histórias de Mil e Uma Noites".

"Recitava contos inteiros em versos, intercalando, pedaços de prosa, como notas explicativas".

Resposta: letra a.

Comentário: José Lins do Rego, nascido num engenho, revela, em suas obras, a vida nos engenhos "Pernambuco", das opções apresentadas caracteriza essa referência à região onde acontecem seus romances.

Atividade extra

Modernismo e contemporaneidade nos textos em prosa

Questão 1 (PUC Minas 2011)

“

[...] Por duas ou três vezes fingira falhar, isso fazia parte de seu número; e seria, talvez, o que o aniquilara; falseara um movimento qualquer e, ao procurar retificá-lo, era tarde demais [...] No entanto, como prosseguir, se tivesse de narrar sua história? Como falar, sem parecer covarde, na incomum excitação que se apoderara dele, nas entranhas amarras que o haviam tolhido quando iniciara os exercícios na manhã seguinte? Como determinar a natureza daquela ameaça invisível, que parecia envolvê-lo? Seria igualmente difícil relatar o que lhe sucedera, quando confessara a Aline a impossibilidade de participar naquela manhã e ela o indagara, quase com alegria:

— Você também está com medo?

Sem dar resposta, voltara colérico ao circo, fizera as acrobacias de costume [...]

”

(Osman Lins, Os gestos, 1994, p.65)

As considerações sobre o trecho acima estão corretas, EXCETO:

- Reproduz-se um diálogo entre duas pessoas.
- Identifica-se nesse trecho apenas um exemplo de discurso direto.
- Um dos traços característicos dessa narrativa é predominância do discurso indireto.
- O uso de perguntas, no curso da narrativa, reflete um diálogo interno do narrador personagem consigo mesmo.

Questão 2 (PUC Minas 2011)

Leia os enunciados retirados do trecho em estudo:

- I. Como falar, sem parecer covarde [...]
- II. Seria igualmente difícil relatar o que lhe sucedera [...]
- III. [...] quando confessara a Aline a impossibilidade de participar naquela manhã e ela o indagara, quase com alegria [...]
- IV. Como determinar a natureza daquela ameaça invisível, que parecia envolvê-lo?

Fica clara a posição do narrador personagem em relação ao seu modo de narrar em:

- a. I e II, apenas.
- b. I, III e IV, apenas.
- c. II, III e IV, apenas.
- d. I, II, III, IV.

Questão 3 (PUC Minas 2011)

“Trem fantasma”

Afinal se confirmou: era leucemia mesmo a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar.

Chorando, disse-me que o maior desejo de Matias sempre fora passear de trem fantasma; ela queria satisfazê-lo agora, e contava comigo. Matias tinha nove anos. Eu, dez. Cocei a cabeça.

Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o trem fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete nos Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas develudo cor de vinho. A mãe de Matias deu-me dinheiro; fui ao parque e andei de trem fantasma. Várias vezes. E escrevi tudo num papel, tal como escrevo agora. Fiz também um esquema. De posse destes dados, organizamos o trem fantasma.

A sessão teve lugar a 3 de julho de 1956, às 21 horas. O minuano assobiava entre as árvores, mas a casa estava silenciosa. Acordamos o Matias. Tremia de frio. A mãe o envolveu em cobertores. Com todo cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava. Levei-o até o vestíbulo da entrada e ali ficamos, sobre o piso de mármore, à espera.

As luzes se apagaram. Era o sinal. Empurrando o carrinho, precipitei-me a toda velocidade pelo longo corredor. A porta do salão se abriu; entrei por ela. Ali estava a mãe de Matias, disfarçada de bruxa (grossa maquilagem vermelha. Olhos pintados, arregalados. Vestes negras. Sobre o ombro, uma coruja empalhada. Invocava deuses malignos).

Dei duas voltas pelo salão, perseguido pela mulher. Matias gritava de susto e de prazer. Voltei ao corredor.

Outra porta se abriu – a do banheiro, um velho banheiro com vasos de samambaia e torneiras de bronze polido. Suspensa do chuveiro estava o pai de Matias, enforcado, língua de fora, rosto arroxeados. Saindo dali entrei num quarto de dormir onde estava o irmão de Matias, como esqueleto (sobre o tórax magro, coste-

las pintadas com tintas fosforescentes; nas mãos, uma corrente enferrujada). Já o gabinete nos revelou as duas irmãs de Matias, apunhaladas (facas enterradas nos peitos; rostos lambuzados de sangue de galinha. Umaestertorava).

Assim era o trem fantasma, em 1956.

Matias estava exausto. O irmão tirou-o do carrinho e, com todo o cuidado, colocou-o na cama.

Os pais choravam baixinho. A mãe quis me dar dinheiro. Não aceitei. Corri para casa.

Matias morreu algumas semanas depois. Não me lembro de ter andado de trem fantasma desde então.

In: SCLiar, Moacyr. Contos reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 316-317.

Considere a seguinte passagem: "Não se poderia levá-lo ao parque onde funcionava o trem fantasma. Teríamos de fazer uma improvisação na própria casa, um antigo palacete nos Moinhos de Vento, de móveis escuros e cortinas de veludo cor de vinho". Assinale o que motivou a improvisação do trem fantasma.

- a. O diagnóstico da doença.
- b. O sofrimento dos parentes.
- c. A fragilidade física de Matias.
- d. A falta de dinheiro da família.

Questão 4 (PUC MINAS 2011)

Quanto ao tema e à estruturação da narrativa, verifica-se que o conto:

- a. apresenta uma visão peculiar sobre a morte, por meio do relato de um narrador diretamente envolvido com os fatos narrados.
- b. é narrado em terceira pessoa, com uma linguagem simples, que busca refletir a pouca maturidade dos protagonistas.
- c. possui enredo não linear e linguagem direta, por meio da qual o narrador onisciente expressa a angústia dos personagens.
- d. faz uma crítica social implícita, ao retratar o drama familiar diante da falta de perspectiva de uma criança com leucemia.

Questão 5 - Discursiva (ITA-2002)

Observe o estilo do texto abaixo:

“

Foi até a cozinha. Tomou um gole de chá com uma bolacha água-e-sal. Ainda pensou em abandonar o plano. Mas, como se salvaria? Lavou as mãos e o rosto. Saiu de casa.

Trancou o minúsculo quarto-e-cozinha. Aluguel atrasado.

Despensa vazia. Contava os trocados para pegar o ônibus.

”

(AUGUSTO, Rogério. "Flores". Cult. Revista Brasileira de Literatura, nº- 48, p. 34.)

- a. Do ponto de vista redacional, que traços permitem considerar esse texto como contemporâneo?
- b. De que forma se revela o clima existente nesse breve texto descritivo-narrativo?

Gabarito

Questão 1

- A B C D E

Comentários: o discurso indireto é aquele em que o narrador fala pelo personagem, o que não ocorre nesse trecho.

Questão 2

- A B C D E

Comentários: Apenas as afirmações 1 e 2 traduzem a preocupação do narrador frente aos seus atos de fala.

Questão 3

- A B C D E

Os trechos a seguir justificam a resposta:

"Afinal se confirmou: era leucemia mesmo a doença de Matias, e a mãe dele mandou me chamar. "; "Com todo o cuidado colocamo-lo num carrinho de bebê. Cabia bem, tão mirrado estava."

Questão 4

- A B C D E

Comentários: A presença da primeira pessoa do singular permite-nos identificar o narrador como um dos personagens da narrativa.

Questão 5

- a. Períodos articulados por coordenação num "estilo telegráfico"; palavras e expressões que remetem à coloquialidade.
- b. O clima de angústia e opressão fica evidente no cenário sufocante, ("Trancou o minúsculo quarto-e-cozinha."), na falta de recursos da personagem ("Aluguelatrasado. Despensa vazia.") e nas dúvidas e inquietações que marcam a personagem ("Ainda pensou em abandonar o plano. Mas, como se salvaria?").